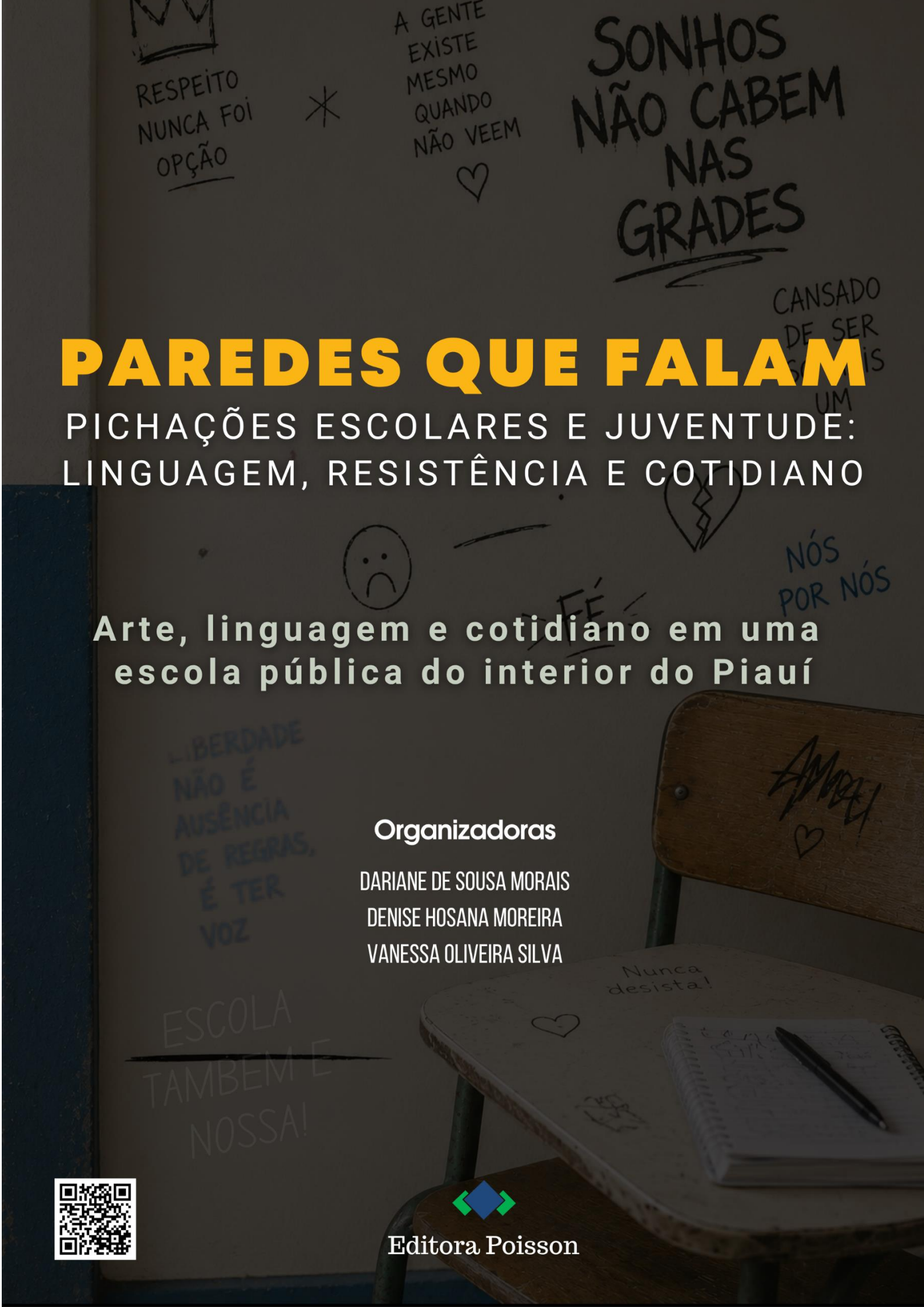

PAREDES QUE FALAM

PICHAÇÕES ESCOLARES E JUVENTUDE: LINGUAGEM, RESISTÊNCIA E COTIDIANO

Arte, linguagem e cotidiano em uma escola pública do interior do Piauí

Organizadoras

DARIANE DE SOUSA MORAIS

DENISE HOSANA MOREIRA

VANESSA OLIVEIRA SILVA

Editora Poisson

Dariane de Sousa Morais
Denise Hosana Moreira
Vanessa Oliveira Silva

Paredes que falam

Pichações escolares e juventude: linguagem, resistência e cotidiano

Arte, linguagem e cotidiano em uma escola pública do interior do Piauí

1ª Edição

Belo Horizonte
Editora Poisson
2026

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
MSc. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
MSc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
MSc. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M579p
Paredes que falam: pichações escolares e juventude: linguagem, resistência e cotidiano – arte, linguagem e cotidiano em uma escola pública do interior do Piauí / Dariane de Sousa Morais, Denise Hosana Moreira , Vanessa Oliveira Silva – Belo Horizonte MG: Editora Poisson, 2026. 72 p.

Formato: PDF
ISBN: 978-65-5866-669-1
DOI: 10.36229/978-65-5866-669-1
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1. Educação 2. Ensino 3. Pichações. 1. MORAIS, Dariane de Sousa 2. MOREIRA, Denise Hosana 3. SILVA, Vanessa Oliveira 4. Título

CDD-370

SÔNIA MÁRCIA SOARES DE MOURA – CRB 6/1896

O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.
Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Esse e outros títulos podem ser baixados gratuitamente em www.poisson.com.br
Entre em contato pelo contato@poisson.com.br

Sobre as Autoras

As autoras são professoras e pesquisadoras do campo da Educação e das Ciências Humanas, com atuação voltada às políticas educacionais e aos estudos sobre cultura escolar, infâncias, juventudes, linguagem, subjetividade e cotidiano educativo. Desenvolvem pesquisas relacionadas às experiências simbólicas produzidas no espaço escolar, especialmente em contextos públicos de educação básica, com ênfase nas práticas culturais, nas formas de expressão juvenil e nas dinâmicas cotidianas da escola contemporânea.

As paredes das escolas nunca estiveram silenciosas. Entre frases anônimas, desenhos improvisados, assinaturas, declarações afetivas e pequenos rastros deixados por estudantes, existe um universo de experiências que frequentemente permanece invisível aos discursos oficiais da educação.

Este livro propõe um deslocamento de olhar: em vez de observar as pichações escolares apenas como atos de vandalismo ou indisciplina, busca compreendê-las como manifestações simbólicas produzidas no interior da cultura escolar e contemporânea. Ao percorrer discussões sobre disciplina, juventude, resistência, arte, linguagem experiência estética, a obra revela que as inscrições espalhadas pelas paredes carregam afetos, conflitos, silenciamentos e desejos de existência.

Mais do que um estudo sobre pichações, esta obra constitui uma reflexão sobre a própria escola contemporânea e suas dificuldades de escuta diante das subjetividades juvenis. As paredes falam porque crianças e jovens continuam buscando maneiras de ocupar simbolicamente os espaços que habitam.

Entre a crítica institucional e a sensibilidade pedagógica, o livro convida o leitor a perceber que, muitas vezes, aquilo que parece apenas ruído visual pode revelar experiências humanas profundamente silenciadas.

O que dizem as pichações presentes nas paredes escolares?

Ao investigar frases, desenhos, nomes e marcas espalhadas pelos corredores de uma escola pública, esta obra revela que as pichações ultrapassam a ideia simplista de vandalismo. Elas expressam afetos, resistências, conflitos, desejos de pertencimento e formas de linguagem produzidas por crianças e jovens no interior da cultura escolar.

Entre educação, arte, cultura visual e subjetividade, o livro propõe uma leitura crítica e sensível da escola contemporânea, compreendendo as paredes como superfícies de memória, comunicação e existência simbólica.

Mais do que analisar inscrições, este livro procura escutar as vozes que insistem em aparecer nelas.

SUMÁRIO

Apresentação 08

Introdução 11

PARTE I
ESCOLA, DISCIPLINA E SILENCIAMENTO

Capítulo 1: A escola moderna e o controle dos corpos 14
1.1. A disciplina como tecnologia de poder 15
1.2. Vigilância, normalização e comportamento escolar 16
1.3. A infância sob controle institucional 18

Capítulo 2: Juventude, cotidiano escolar e resistência 20
2.1. A escola como espaço de tensões 21
2.2. Silenciamento estudantil e invisibilidade juvenil 22
2.3. Resistência cotidiana e microtransgressões 23

PARTE II
MUROS, ESCRITAS E LINGUAGENS DA TRANSGRESSÃO

Capítulo 3: A história social das inscrições nos muros 27
3.1. Das cavernas às cidades contemporâneas 28
3.2. Escritas urbanas e memória coletiva 29
3.3. Pichação, grafite e cultura visual 30

Capítulo 4: Entre vandalismo e arte: disputas de sentido 32
4.1. A criminalização da pichação 32
4.2. O grafite como arte legitimada 34
4.3. Estética, marginalidade e reconhecimento cultural 35

Capítulo 5: Pichação como linguagem política 37
5.1. Comunicação marginal e folkcomunicação 37
5.2. O anonimato como forma de resistência 38
5.3. Paredes como territórios simbólicos 40

SUMÁRIO

PARTE III
A ESCOLA PICHADA

Capítulo 6: O cotidiano visual da escola pesquisada 43
6.1. Os espaços da escola 44
6.2. As marcas deixadas pelos estudantes 45
6.3. A escola como superfície simbólica 46

Capítulo 7: Palavras, frases e afetos nas pichações escolares 48
7.1. Escritas do desejo 48
7.2. Marcas de solidão e revolta 50
7.3. Humor, pertencimento e identidade juvenil 51

Capítulo 8: Quando a pichação se aproxima da arte 53
8.1. Poética da escrita marginal 53
8.2. Sensibilidade estética e criação estudantil 55
8.3. Arte, autoria e invisibilidade 56

PARTE IV
EDUCAÇÃO, ESCUTA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Capítulo 9: O que a escola não consegue escutar 59
9.1. As pichações como denúncia silenciosa 60
9.2. Relações escolares e produção do conflito 61
9.3. A escola diante da diferença 62

Capítulo 10: Para além da punição 64
10.1. Educação estética e diálogo 65
10.2. A leitura pedagógica das pichações 66
10.3. Possibilidades educativas para além da repressão 67

Considerações Finais 69

Referências 71

APRESENTAÇÃO

Este livro nasceu do encontro entre o olhar cotidiano e aquilo que, durante muito tempo, parecia não merecer atenção. As pichações espalhadas pelas paredes de uma escola pública do interior do Piauí estavam sempre ali: nos corredores, nas carteiras, nos banheiros, nas portas das salas de aula. Faziam parte da paisagem escolar de maneira tão constante que, muitas vezes, eram percebidas apenas como marcas de sujeira, sinais de indisciplina ou simples deterioração do patrimônio público. Entretanto, em determinado momento, essas inscrições começaram a produzir inquietações que ultrapassavam a interpretação imediata do vandalismo.

A recorrência das frases, dos desenhos, dos nomes e das marcas espalhadas pela escola provocou uma mudança no modo de olhar para aqueles espaços. O que exatamente os estudantes escreviam nas paredes? Por que tantas inscrições insistiam em permanecer, mesmo diante do apagamento constante promovido pela instituição? O que levava crianças e jovens a transformar superfícies escolares em lugares de escrita, desenho e expressão? Essas perguntas abriram caminho para uma investigação que, aos poucos, deixou de se concentrar apenas nas pichações e passou a interrogar a própria escola, suas formas de funcionamento, seus silêncios e suas dificuldades de escuta.

Ao longo da construção desta obra, tornou-se impossível observar as pichações apenas como atos isolados de depredação material. As inscrições revelavam algo mais profundo: nelas apareciam afetos, conflitos, desejos, ironias, solidão, humor, pertencimento e diferentes maneiras de experimentar a vida escolar. As paredes da escola passaram a funcionar como arquivos silenciosos das subjetividades juvenis, carregando fragmentos de experiências que raramente encontravam espaço legítimo nas relações institucionais. Nessa perspectiva, aproxima-se das reflexões de HALL (2006) acerca da produção cultural das identidades e das discussões de CERTEAU (1994) sobre as práticas cotidianas de reinvenção dos espaços institucionais, permitindo compreender as pichações como operações simbólicas realizadas por sujeitos que disputam visibilidade dentro da cultura escolar contemporânea.

A noção foucaultiana de subjetividade também atravessa esta discussão ao permitir compreender que os sujeitos escolares não são apenas controlados pelas instituições, mas continuamente produzidos pelas relações de poder que organizam o cotidiano disciplinar da escola.

Durante o trabalho de campo realizado na escola municipal investigada, as pichações foram localizadas em corredores, banheiros, paredes laterais, carteiras escolares e áreas de circulação cotidiana dos estudantes. A recorrência dessas inscrições revelou não apenas a frequência da prática, mas também sua distribuição simbólica no interior da escola. Os banheiros e corredores apareceram como espaços privilegiados de inscrição anônima, sugerindo zonas menos vigiadas institucionalmente e mais favoráveis à manifestação das subjetividades juvenis. A observação direta do cotidiano escolar permitiu perceber que muitas inscrições coexistiam silenciosamente com a rotina disciplinar da instituição, tornando-se quase invisíveis aos olhares habituados à dinâmica escolar.

Foi justamente esse deslocamento de olhar que orientou a escrita deste livro. Mais do que discutir pichações escolares, esta obra procura compreender aquilo que emerge delas enquanto linguagem social, resistência cotidiana e forma de existência simbólica produzida no interior da cultura escolar. As marcas espalhadas pelos muros e corredores revelam que a escola não é composta apenas por currículos, avaliações e normas disciplinares. Ela também é atravessada por experiências humanas intensas, produzidas diariamente por crianças e jovens que tentam ocupar simbolicamente os espaços que habitam.

Ao transformar as pichações em objeto de reflexão, o livro busca romper com leituras simplificadoras centradas exclusivamente na criminalização ou na moralização dessas práticas. Isso não significa ignorar os conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos, mas reconhecer que as inscrições carregam sentidos sociais e subjetivos que precisam ser compreendidos criticamente. Em muitos casos, as paredes escritas revelam justamente aquilo que a escola não consegue escutar.

As discussões desenvolvidas ao longo desta obra dialogam com diferentes campos do conhecimento, como Educação, Estudos Culturais, Sociologia da Educação, Juventudes, Cultura Visual e Filosofia da Linguagem. Entretanto, mais do que produzir uma análise puramente teórica, este livro procura construir uma leitura sensível da experiência escolar contemporânea. As pichações aparecem aqui não apenas como objetos de análise, mas como sinais das tensões, afetos e formas de resistência que atravessam o cotidiano de crianças e jovens no interior da escola.

Ao longo dos capítulos, o leitor encontrará discussões sobre disciplina, vigilância, juventude, linguagem, cidade, arte, subjetividade e educação estética. Contudo, todas essas reflexões retornam continuamente a uma questão central: o que as pichações escolares revelam sobre a própria escola? A pergunta desloca o foco das paredes para as relações humanas que produzem essas marcas, permitindo compreender que as inscrições não surgem em um vazio social, mas em contextos atravessados por silenciamentos, disputas simbólicas e necessidades de expressão.

Este livro não pretende oferecer respostas definitivas sobre as pichações escolares. Tampouco busca romantizar práticas transgressoras ou transformar toda inscrição em manifestação artística legitimada. Seu objetivo é mais simples e, ao mesmo tempo, mais inquietante: provocar outros modos de olhar para aquilo que frequentemente permanece invisível no cotidiano escolar. Talvez as paredes escritas revelem menos sobre destruição e mais sobre a necessidade humana de deixar rastros de existência nos espaços que habitamos.

As juventudes contemporâneas continuam produzindo linguagens próprias, reinventando espaços e criando formas de resistência simbólica mesmo em ambientes organizados pela vigilância e pelo controle. As pichações mostram que as vozes juvenis insistem em existir, ainda que muitas vezes precisem recorrer às margens da institucionalidade pedagógica para se tornarem visíveis. Escutar essas marcas talvez seja também uma forma de repensar a própria escola, suas práticas de escuta e seus modos de lidar com as subjetividades que atravessam diariamente seus corredores.

As paredes continuam falando. Este livro é um convite para escutá-las. Escutá-las implica reconhecer que a escola contemporânea talvez precise reinventar não apenas suas práticas pedagógicas, mas também suas formas de sensibilidade diante das experiências juvenis que atravessam silenciosamente seus corredores.

A permanência dessas marcas ao longo dos corredores e paredes escolares sugere que a escola não é composta apenas pelos discursos oficiais presentes nos currículos, regulamentos e planejamentos pedagógicos. Existe também uma escola silenciosa inscrita nos muros, nas carteiras e nos banheiros, produzida cotidianamente pelas experiências de crianças e jovens que encontram nessas superfícies possibilidades alternativas de expressão. A pesquisa de campo permitiu perceber que, mesmo apagadas ou cobertas pela pintura institucional, muitas pichações reapareciam continuamente, indicando permanências simbólicas que resistem ao disciplinamento do espaço escolar.

INTRODUÇÃO

A escola que escreve em suas paredes

As paredes escolares sempre falaram. Antes mesmo de serem percebidas como superfícies de depredação, elas já funcionavam como espaços de inscrição simbólica das experiências humanas. Entre rabiscos, nomes, frases, desenhos e marcas aparentemente desordenadas, crianças e jovens transformam o espaço institucional da escola em território de expressão, deixando vestígios de sentimentos, conflitos, afetos, revoltas e modos de existir que, muitas vezes, permanecem invisíveis no cotidiano pedagógico. Em vez de simples danos materiais, essas marcas podem ser compreendidas como narrativas silenciosas produzidas no interior de uma instituição historicamente organizada para disciplinar comportamentos, regular corpos e controlar linguagens.

Desde as pinturas rupestres até as inscrições urbanas contemporâneas, a humanidade utiliza paredes como suporte para registrar memórias, comunicar ideias e afirmar presenças. Entretanto, na modernidade, especialmente nos espaços urbanos, determinadas formas de escrita passaram a ser enquadradas como ilegítimas, sobretudo quando realizadas fora das normas socialmente autorizadas. A pichação emerge, nesse contexto, como prática atravessada por disputas morais, políticas e estéticas. Enquanto parte da sociedade a reduz à condição de vandalismo, outros olhares a reconhecem como linguagem social, intervenção simbólica e manifestação cultural produzida por sujeitos frequentemente marginalizados dos espaços legítimos de fala.

No ambiente escolar, essa tensão torna-se ainda mais evidente. A escola moderna, marcada historicamente por mecanismos de vigilância, disciplinamento e normalização, tende a interpretar as pichações como afrontas à ordem institucional. Nesse processo, as paredes pichadas passam a representar sinais de indisciplina, desrespeito ou violência contra o patrimônio público. Contudo, limitar a compreensão dessas marcas à ideia de transgressão material significa ignorar os sentidos sociais, afetivos e políticos inscritos nelas. Muitas vezes, aquilo que aparece como sujeira para a instituição constitui, para os estudantes, uma tentativa de existência simbólica dentro de um espaço em que suas subjetividades raramente encontram escuta.

A partir dessa perspectiva, as pichações escolares podem ser compreendidas como formas de resistência cotidiana produzidas por crianças e jovens diante das estruturas disciplinares da escola. Ao escrever nos muros, carteiras, portas e banheiros, os estudantes ocupam simbolicamente um espaço que, em grande medida, lhes impõe silenciamento. As marcas deixadas nas superfícies escolares revelam tensões invisibilizadas nas relações pedagógicas, ao mesmo tempo em que evidenciam desejos de pertencimento, reconhecimento e comunicação. Em muitos casos, essas escritas expressam angústias, afetos, ironias, conflitos amorosos, denúncias e manifestações poéticas que escapam às linguagens formais autorizadas pela instituição.

Nesse sentido, as pichações não podem ser analisadas apenas pelo prisma jurídico ou moral. Elas também precisam ser observadas como fenômenos culturais e linguísticos inseridos em contextos históricos específicos. Ao longo das últimas décadas, diferentes estudos passaram a problematizar as escritas urbanas como práticas de resistência simbólica, comunicação marginal e produção estética. Entre vandalismo e arte, criminalização e reconhecimento cultural, as pichações revelam disputas sobre quem possui legitimidade para ocupar visualmente os espaços da cidade e das instituições.

No caso das escolas públicas, essas disputas assumem contornos ainda mais complexos. As marcas deixadas pelos estudantes não surgem em um vazio social, mas em contextos atravessados por desigualdades, conflitos geracionais, precarizações institucionais e formas de invisibilidade juvenil. Assim, compreender as pichações escolares exige olhar para além da parede marcada, buscando perceber os sujeitos, relações e experiências que produzem tais inscrições. Mais do que identificar autores ou contabilizar danos, importa investigar aquilo que essas escritas comunicam sobre a vida escolar contemporânea.

Foi a partir da inserção no cotidiano de uma escola pública municipal do interior do Piauí, durante experiências vinculadas à formação em Pedagogia, que emergiu o interesse por esta investigação. A convivência com os espaços escolares provocou um processo de desnaturalização do olhar diante das pichações presentes em salas de aula, corredores, banheiros e mobiliários. Aquilo que inicialmente parecia apenas parte comum da paisagem escolar passou a suscitar inquietações acerca dos sentidos das marcas deixadas pelos estudantes. A recorrência das inscrições, a diversidade das mensagens e a intensidade de sua presença no ambiente escolar conduziram à necessidade de compreender as pichações para além das interpretações tradicionais que as associam exclusivamente à indisciplina.

Desse modo, este livro parte da seguinte questão: o que dizem as pichações presentes nas paredes escolares? Mais especificamente, busca compreender de que maneira essas marcas expressam experiências, afetos, conflitos e formas de resistência produzidas por crianças e jovens no interior da cultura escolar. A hipótese que atravessa esta discussão é a de que as pichações escolares constituem linguagens sociais e políticas que revelam dimensões frequentemente silenciadas pelas práticas institucionais da escola.

A obra organiza-se em quatro partes articuladas entre si. Na primeira, intitulada *Escola, disciplina e silenciamento*, discutem-se os processos históricos de disciplinamento escolar, as relações de poder presentes no cotidiano educativo e os modos pelos quais a infância e a juventude são submetidas a mecanismos de vigilância e controle. A segunda parte, *Muros, escritas e linguagens da transgressão*, realiza uma abordagem histórica e conceitual das pichações, discutindo-as como práticas culturais, formas de comunicação marginal e expressões simbólicas de resistência. A terceira parte, *A escola pichada*, dedica-se à análise das pichações identificadas na escola pesquisada, problematizando seus conteúdos, sentidos e aproximações com manifestações artísticas e poéticas. Por fim, em *Educação, escuta e experiência estética*, são discutidas possibilidades de leitura pedagógica das pichações escolares, propondo reflexões sobre diálogo, sensibilidade estética e escuta das subjetividades estudantis.

Mais do que defender ou condenar as pichações, este livro procura compreender aquilo que emerge delas enquanto expressão humana. As paredes escolares, frequentemente reduzidas à condição de superfícies disciplinadas, tornam-se, aqui, arquivos simbólicos do cotidiano estudantil. Ler essas marcas significa reconhecer que, mesmo sob mecanismos rígidos de controle institucional, crianças e jovens continuam encontrando maneiras de ocupar os espaços escolares com suas vozes, afetos e formas de resistência.

PARTE I

ESCOLA, DISCIPLINA E SILENCIAMENTO

CAPÍTULO

01 A ESCOLA MODERNA E O CONTROLE DOS CORPOS

A escola moderna consolidou-se historicamente como uma das principais instituições responsáveis pela formação dos sujeitos nas sociedades contemporâneas. Muito além de um espaço destinado exclusivamente à transmissão de conhecimentos, ela passou a exercer funções relacionadas à organização dos comportamentos, à regulação das condutas e à produção de determinadas formas de subjetividade. Nesse processo, a escolarização tornou-se parte fundamental dos mecanismos de ordenamento social, articulando práticas pedagógicas, normas institucionais e dispositivos de vigilância capazes de moldar modos específicos de agir, pensar e ocupar os espaços coletivos.

A compreensão da escola moderna desenvolvida neste capítulo dialoga diretamente com as análises de Michel Foucault (1987) acerca das instituições disciplinares e das tecnologias de poder que atravessam a modernidade. Ao compreender a escola como espaço de vigilância, normalização e produção de subjetividades, o pensamento foucaultiano constitui o principal eixo teórico desta obra, permitindo interpretar as pichações escolares não apenas como atos de indisciplina, mas como manifestações produzidas nas fissuras dos dispositivos institucionais de controle.

Ao longo da modernidade, a expansão da escola esteve diretamente vinculada à necessidade de disciplinar os corpos e produzir sujeitos adequados às exigências políticas, econômicas e culturais de cada período histórico. O ambiente escolar passou a operar não apenas como lugar de aprendizagem formal, mas também como espaço de normalização das experiências humanas. A organização do tempo, a disposição das carteiras, os horários rígidos, o silêncio exigido durante as aulas, os sistemas de avaliação e as formas de vigilância presentes no cotidiano escolar revelam que a escola funciona a partir de uma lógica disciplinar profundamente articulada às estruturas modernas de poder.

Essa dimensão disciplinadora da escola torna-se particularmente evidente quando observamos a maneira como crianças e jovens são constantemente orientados a controlar gestos, movimentos, falas e comportamentos. O corpo estudantil passa a ser atravessado por regras que definem como sentar, quando falar, onde circular e quais formas de expressão são consideradas adequadas dentro do ambiente escolar. Nesse contexto, a instituição não apenas ensina conteúdos, mas produz modos específicos de comportamento socialmente legitimados.

Entretanto, as relações estabelecidas no interior da escola não ocorrem de maneira totalmente estável ou homogênea. Mesmo submetidos às normas institucionais, os estudantes criam estratégias cotidianas de negociação, adaptação e resistência diante das estruturas de controle. Pequenos gestos, silêncios, brincadeiras, conversas paralelas, desenhos e inscrições espalhadas pelas paredes revelam que os sujeitos não ocupam passivamente os espaços escolares. Ao contrário, reinventam continuamente maneiras de produzir presença e linguagem dentro de uma instituição organizada pela disciplina e pela vigilância.

É justamente nesse cenário de tensão entre controle e resistência que as pichações escolares começam a adquirir relevância analítica. Antes de serem interpretadas apenas como sinais de vandalismo ou indisciplina, elas podem ser compreendidas como manifestações produzidas em um espaço historicamente marcado pelo controle dos corpos e pela administração das formas legítimas de expressão. Ler as pichações exige, portanto, compreender inicialmente a própria escola enquanto instituição disciplinar e perceber como sua organização cotidiana participa da produção de silenciamentos, normas e conflitos que atravessam a experiência estudantil.

1.1 A DISCIPLINA COMO TECNOLOGIA DE PODER

A consolidação da escola moderna ocorreu paralelamente ao desenvolvimento de diferentes mecanismos de controle social característicos das sociedades disciplinares. A partir dos séculos XVIII e XIX, instituições como escolas, quartéis, hospitais e prisões passaram a assumir papel central na organização da vida coletiva, estruturando formas de administração dos corpos e das condutas individuais. Nesse contexto, a disciplina emerge como uma tecnologia de poder responsável por tornar os sujeitos mais previsíveis, produtivos e adequados às exigências sociais da modernidade.

A disciplina não opera apenas por meio da imposição explícita da força ou da punição física. Seu funcionamento ocorre, sobretudo, através da produção de hábitos, normas e comportamentos incorporados cotidianamente pelos sujeitos. O controle disciplinar organiza os espaços, regula os tempos, distribui os indivíduos e estabelece padrões considerados corretos de conduta. A escola moderna tornou-se uma das instituições centrais nesse processo ao transformar a educação em prática profundamente articulada à vigilância e à normalização social.

No ambiente escolar, essa lógica manifesta-se de diferentes maneiras. A divisão das turmas por idade, a fragmentação do tempo em horários rígidos, a disposição ordenada das carteiras, os sistemas de notas e avaliações e a constante observação dos comportamentos estudantis revelam uma estrutura cuidadosamente organizada para produzir disciplina. Cada elemento da rotina escolar participa da construção de um ambiente onde os sujeitos aprendem não apenas conteúdos formais, mas também modos específicos de se comportar socialmente.

A sala de aula constitui exemplo significativo dessa organização disciplinar. O espaço é estruturado para permitir observação constante dos estudantes e limitar determinadas formas de circulação e interação. O professor ocupa posição central na dinâmica do ambiente, enquanto os alunos são distribuídos em lugares previamente definidos, submetidos a regras de silêncio, atenção e permanência corporal. Mesmo quando essas práticas parecem naturais ou necessárias ao funcionamento escolar, revelam modos específicos de controle dos corpos e das formas de expressão.

A disciplina escolar também se sustenta por meio da ideia permanente de avaliação. Os estudantes encontram-se continuamente observados e classificados a partir de critérios relacionados ao desempenho, comportamento, participação e adequação às normas institucionais. As avaliações não medem apenas conhecimentos acadêmicos, mas produzem comparações, hierarquias e classificações que atravessam profundamente a experiência escolar. Os sujeitos aprendem, desde cedo, que serão constantemente avaliados por aquilo que fazem, dizem e demonstram dentro da instituição.

Nesse contexto, a escola transforma-se em espaço de produção de normalidades. Determinados comportamentos passam a ser considerados adequados, enquanto outros são classificados como inadequados, desviantes ou problemáticos. Crianças agitadas, silenciosas demais, excessivamente questionadoras ou pouco adaptadas às normas escolares frequentemente tornam-se alvo de mecanismos corretivos destinados a reconduzi-las aos padrões esperados pela instituição.

Contudo, os estudantes não permanecem totalmente submetidos às estruturas disciplinares. Mesmo diante da vigilância institucional, surgem pequenas formas de resistência cotidiana que escapam aos mecanismos de controle. Conversas durante a aula, brincadeiras, bilhetes, desenhos e pichações revelam tentativas de produzir linguagens próprias dentro de um espaço organizado para regular as formas legítimas de expressão. Essas práticas demonstram que o poder disciplinar nunca opera de maneira absoluta, pois os sujeitos continuamente reinventam modos de ocupar simbolicamente os espaços escolares.

As pichações inserem-se justamente nesse conjunto de pequenas resistências produzidas no cotidiano institucional. Ao escrever nas paredes, carteiras e banheiros, os estudantes rompem momentaneamente com a lógica da organização disciplinar da escola. As superfícies escolares deixam de funcionar apenas como estruturas neutras da arquitetura institucional e passam a carregar marcas das experiências juvenis que atravessam diariamente o ambiente escolar.

1.2 VIGILÂNCIA, NORMALIZAÇÃO E COMPORTAMENTO ESCOLAR

A vigilância ocupa papel central na organização da escola moderna. Muito além da simples observação dos estudantes, ela constitui mecanismo permanente de produção de comportamentos considerados adequados ao ambiente institucional. A presença constante do olhar disciplinar faz com que crianças e jovens aprendam progressivamente a controlar gestos, falas, deslocamentos e formas de expressão, incorporando normas que regulam o cotidiano escolar mesmo na ausência direta das autoridades institucionais.

As reflexões de Foucault (1987) acerca do panoptismo ajudam a compreender que a vigilância escolar ultrapassa a simples observação física dos estudantes. Trata-se de um mecanismo difuso de administração dos corpos e das condutas, capaz de produzir sujeitos que internalizam normas e passam a vigiar a si mesmos dentro da dinâmica institucional.

No decorrer da observação de campo, tornou-se perceptível que a circulação dos estudantes era constantemente monitorada por regras temporais e espaciais bastante rígidas. O controle dos horários, das filas, dos deslocamentos para o banheiro e da permanência nos corredores evidenciava mecanismos disciplinares presentes no cotidiano institucional. Nesse contexto, muitas pichações apareciam justamente em locais parcialmente afastados da supervisão direta dos adultos, revelando pequenas fissuras produzidas no interior da lógica disciplinar da escola.

No espaço escolar, a vigilância não se restringe apenas à atuação dos professores ou gestores. Ela está presente na própria organização arquitetônica da instituição, nos horários, nas regras de circulação e nas práticas cotidianas que estruturam a vida escolar. Corredores, salas de aula, pátios e demais ambientes são organizados para facilitar o acompanhamento contínuo dos estudantes, permitindo que comportamentos considerados inadequados sejam rapidamente identificados e corrigidos.

Essa lógica de observação constante produz efeitos importantes sobre a experiência estudantil. Os alunos aprendem que estão permanentemente expostos à avaliação institucional e que suas atitudes podem ser julgadas a qualquer momento. O olhar disciplinar deixa de operar apenas externamente e passa a ser interiorizado pelos próprios sujeitos, que começam a vigiar a si mesmos em função das expectativas impostas pela escola.

O comportamento escolar torna-se, assim, resultado de um processo contínuo de normalização. A instituição define aquilo que considera adequado em termos de postura corporal, participação, silêncio, rendimento acadêmico e convivência social. Os estudantes que se aproximam desses padrões são frequentemente reconhecidos como exemplos positivos, enquanto aqueles que apresentam comportamentos divergentes passam a ocupar posições de inadequação dentro da dinâmica escolar.

Essa produção de normalidades interfere diretamente nas possibilidades de expressão juvenil. Muitas formas de linguagem, comportamento e subjetividade produzidas pelos estudantes não encontram reconhecimento legítimo dentro da escola porque escapam às expectativas institucionais de ordem e disciplina. As juventudes contemporâneas constroem modos próprios de comunicação atravessados por humor, cultura visual, afetividade e resistência simbólica, mas grande parte dessas manifestações tende a ser percebida pela instituição apenas como desvio ou indisciplina.

Nesse cenário, as pichações surgem como manifestações que desafiam silenciosamente os mecanismos de vigilância escolar. Escrever sobre as paredes da instituição significa produzir marcas em um espaço organizado justamente para impedir usos não autorizados das superfícies e das linguagens. Cada inscrição representa uma pequena ruptura na aparência controlada do ambiente escolar, tornando visível a presença de sujeitos que insistem em ocupar simbolicamente a escola apesar das estruturas disciplinadoras.

As tentativas constantes de apagar essas marcas demonstram o incômodo institucional diante daquilo que escapa à ordem visual da escola. Paredes repintadas, carteiras substituídas e novas estratégias de vigilância revelam o esforço contínuo para restaurar a aparência disciplinada do ambiente escolar. Entretanto, a recorrência das pichações mostra que o controle nunca se realiza de maneira completa. Mesmo sob vigilância permanente, os estudantes continuam produzindo formas próprias de linguagem e resistência cotidiana.

1.3 A INFÂNCIA SOB CONTROLE INSTITUCIONAL

A consolidação histórica da escola moderna esteve profundamente associada à construção de determinadas concepções de infância e juventude. Crianças e jovens passaram a ser compreendidos como sujeitos em formação que necessitariam de acompanhamento constante, orientação moral e disciplinamento institucional para alcançar comportamentos considerados adequados à vida social. A escolarização tornou-se, assim, um dos principais instrumentos de administração da infância nas sociedades modernas.

Nesse processo, a infância deixou de ser percebida apenas como etapa biológica da vida e passou a constituir categoria social organizada por práticas específicas de controle e proteção. A escola assumiu papel central na definição dos tempos, espaços e experiências considerados apropriados para crianças e jovens, estabelecendo normas sobre aprendizagem, comportamento, linguagem e convivência coletiva.

A organização cotidiana da instituição escolar revela essa tentativa permanente de administrar a experiência infantil. Horários rigorosamente definidos, atividades previamente planejadas e formas específicas de comportamento esperado delimitam aquilo que os estudantes podem ou não fazer dentro do ambiente escolar. Mesmo os momentos destinados ao lazer e à convivência costumam permanecer submetidos à supervisão institucional, evidenciando o alcance dos mecanismos de controle sobre a vida estudantil.

Entretanto, crianças e jovens não ocupam posições passivas diante dessas estruturas. Mesmo submetidos às normas escolares, produzem continuamente formas próprias de sociabilidade, linguagem e resistência cotidiana. As culturas juvenis construídas no interior da escola revelam maneiras particulares de interpretar, negociar e reinventar os espaços institucionais. Nesse sentido, a experiência escolar é marcada por tensões constantes entre os mecanismos de controle e as formas de apropriação simbólica produzidas pelos estudantes.

As pichações escolares constituem uma dessas formas de apropriação. Ao escrever nas paredes, carteiras e corredores, crianças e jovens transformam superfícies institucionais em espaços de expressão subjetiva e comunicação coletiva. As marcas deixadas pela escrita juvenil desafiam a ideia de uma escola totalmente organizada pela disciplina e revelam que os estudantes continuam buscando maneiras de produzir presença simbólica dentro da instituição.

Essas inscrições demonstram que a infância e a juventude não podem ser compreendidas apenas a partir das categorias institucionais que procuram organizá-las. Os estudantes criam linguagens próprias, estabelecem vínculos afetivos, inventam códigos e produzem formas de resistência que escapam continuamente aos mecanismos formais de controle escolar. As pichações aparecem, assim, como rastros dessas experiências juvenis inscritas no cotidiano da escola.

Ao observar as paredes escritas, torna-se possível perceber que a escola não é composta apenas pelos discursos oficiais da educação. Existe uma outra escola produzida silenciosamente pelas crianças e jovens que ocupam seus espaços diariamente. Uma escola feita de afetos, conflitos, brincadeiras, ironias, desejos e linguagens marginais que permanecem espalhadas pelas superfícies do cotidiano institucional.

Compreender a escola moderna a partir de suas estruturas disciplinares não significa ignorar sua importância histórica enquanto espaço de formação humana e produção de conhecimento. Significa reconhecer que as instituições escolares são atravessadas por relações complexas de poder, controle e resistência que participam profundamente da construção das experiências estudantis. As pichações revelam justamente as fissuras presentes nesse processo ao tornar visíveis formas de linguagem que insistem em existir mesmo diante das tentativas permanentes de vigilância e normalização.

As paredes da escola continuam sendo ocupadas porque os estudantes continuam buscando maneiras de produzir presença, memória e expressão dentro de um espaço historicamente organizado para controlar corpos e administrar subjetividades. Ler essas marcas significa reconhecer que, mesmo em ambientes profundamente disciplinados, crianças e jovens seguem reinventando modos de existir e de deixar rastros de suas experiências sobre as superfícies do cotidiano escolar.

CAPÍTULO

02 Juventude, cotidiano escolar e resistência

A escola constitui um espaço atravessado por múltiplas relações sociais, afetivas e políticas. Embora frequentemente apresentada como ambiente neutro de formação humana e transmissão de conhecimentos, sua dinâmica cotidiana revela tensões constantes entre disciplina, controle institucional e experiências juvenis. Crianças e jovens não apenas frequentam a escola como sujeitos passivos submetidos às normas pedagógicas; eles constroem vínculos, produzem linguagens, estabelecem formas próprias de sociabilidade e reinventam continuamente os espaços que habitam. Nesse processo, o cotidiano escolar torna-se território de disputas simbólicas onde convivem, simultaneamente, mecanismos de vigilância e práticas de resistência produzidas pelos estudantes.

As juventudes contemporâneas vivenciam a escola de maneira complexa e contraditória. Ao mesmo tempo em que a instituição representa espaço de convivência, aprendizagem e construção de trajetórias futuras, também pode produzir silenciamentos, invisibilidades e conflitos relacionados às formas de expressão juvenil. Muitos estudantes experimentam a escola como ambiente profundamente regulado, onde determinadas linguagens, afetos e comportamentos encontram poucas possibilidades legítimas de reconhecimento. Ainda assim, as juventudes continuam criando estratégias cotidianas de ocupação simbólica do espaço escolar, produzindo pequenas rupturas diante da ordem institucional estabelecida.

As pichações inserem-se nesse contexto como manifestações que revelam formas de linguagem e resistência produzidas no interior da cultura escolar. Muito além de simples atos de indisciplina, elas podem ser compreendidas como tentativas de deixar rastros de existência em um espaço historicamente organizado pela normatização dos corpos e pela administração das formas legítimas de comunicação. Ler essas inscrições exige compreender o cotidiano escolar não apenas como cenário de aprendizagem formal, mas como espaço de disputas, afetos, tensões e experiências juvenis profundamente atravessadas por relações de poder.

Ao escrever sobre as paredes da escola, os estudantes desafiam simbolicamente aquilo que Foucault (1987) compreende como distribuição disciplinar dos corpos, dos espaços e das formas legítimas de linguagem. As pichações tornam-se, assim, práticas de resistência produzidas no interior de uma instituição organizada historicamente pela normalização das condutas.

A investigação empírica demonstrou que as pichações observadas ultrapassavam a ideia simplificada de depredação do patrimônio. Foram identificadas palavras isoladas, frases afetivas, declarações amorosas, desenhos, marcas de pertencimento grupal e inscrições de caráter poético. Em muitos casos, as frases revelavam sentimentos de angústia, desejo de reconhecimento, humor, ironia e contestação simbólica da ordem escolar. A diversidade das inscrições indicou que os estudantes utilizavam as superfícies da escola como espaços alternativos de comunicação e elaboração simbólica de suas experiências cotidianas.

2.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE TENSÕES

A escola moderna consolidou-se historicamente como instituição responsável pela formação intelectual, moral e social das novas gerações. Entretanto, sua organização cotidiana está longe de ser marcada apenas pela estabilidade e pela harmonia frequentemente associadas ao discurso pedagógico tradicional. O ambiente escolar constitui um espaço de convivência entre sujeitos diversos, atravessados por experiências sociais, culturais e emocionais distintas, o que faz da escola um território permanentemente tensionado por conflitos, negociações e disputas simbólicas.

Grande parte dessas tensões decorre da própria estrutura institucional da escola. A organização disciplinar do espaço escolar estabelece relações hierárquicas rígidas entre professores, gestores e estudantes, definindo lugares específicos de autoridade e obediência. Os alunos são continuamente orientados a adequar comportamentos, controlar gestos e seguir normas que regulam o cotidiano da instituição. Embora essas práticas sejam frequentemente justificadas como necessárias ao funcionamento pedagógico, elas também produzem conflitos relacionados às formas de participação e expressão juvenil dentro da escola.

As juventudes contemporâneas constroem modos próprios de linguagem, sociabilidade e ocupação dos espaços que nem sempre se ajustam às expectativas institucionais. A cultura juvenil é marcada por dinamismo, experimentação, humor, afetividade e formas específicas de interação coletiva que frequentemente entram em tensão com os modelos tradicionais de organização escolar. Muitos comportamentos considerados inadequados pela instituição representam, na verdade, tentativas de afirmação subjetiva e produção de pertencimento entre os estudantes.

Nesse cenário, a escola torna-se espaço onde diferentes projetos de sociabilidade coexistem e disputam legitimidade. De um lado, a instituição busca manter padrões de ordem, disciplina e controle necessários ao funcionamento pedagógico; de outro, os estudantes produzem continuamente práticas que desafiam, negociam ou reinterpretam essas normas. As conversas paralelas, os bilhetes trocados escondidos, os desenhos nas carteiras, as brincadeiras e as pichações revelam justamente a existência dessas microdinâmicas de resistência cotidiana.

As tensões presentes no cotidiano escolar também se relacionam às desigualdades sociais e culturais que atravessam a experiência estudantil. A escola recebe sujeitos provenientes de contextos distintos, marcados por diferentes trajetórias familiares, econômicas e afetivas. Muitas vezes, as linguagens e experiências juvenis produzidas fora da instituição encontram pouco reconhecimento dentro da cultura escolar formal, gerando sentimentos de deslocamento e invisibilidade entre os estudantes.

As pichações aparecem nesse contexto como manifestações que tornam visíveis essas disputas silenciosas sobre pertencimento e expressão. Ao escrever sobre as paredes da escola, os estudantes produzem formas de ocupação simbólica do espaço institucional, deixando marcas de suas presenças em um ambiente frequentemente organizado para regular e limitar suas formas de linguagem. As superfícies escolares passam a carregar não apenas sinais de deterioração material, mas registros das tensões que atravessam o cotidiano juvenil no interior da escola.

A presença constante dessas inscrições demonstra que o espaço escolar não pode ser compreendido apenas como estrutura física neutra. Corredores, salas, banheiros e carteiras tornam-se territórios simbólicos disputados por diferentes formas de uso e significação. Enquanto a instituição busca preservar a aparência organizada e disciplinada do ambiente, os estudantes transformam essas superfícies em espaços de comunicação, memória e resistência cotidiana.

2.2 SILENCIAMENTO ESTUDANTIL E INVISIBILIDADE JUVENIL

As relações escolares contemporâneas são frequentemente marcadas pela dificuldade institucional de reconhecer crianças e jovens como sujeitos produtores de linguagem, cultura e experiência social. Embora a escola se apresente como espaço de formação humana e desenvolvimento crítico, grande parte de suas práticas continua organizada a partir de modelos pedagógicos centrados na transmissão vertical do conhecimento e no controle dos comportamentos estudantis. Nesse processo, as vozes juvenis tendem a ocupar posições secundárias dentro da dinâmica institucional.

O silenciamento estudantil não ocorre apenas de maneira explícita, por meio da repressão direta às falas ou manifestações consideradas inadequadas. Muitas vezes, manifesta-se de forma mais sutil, através da ausência de espaços efetivos de escuta, da desvalorização das experiências juvenis ou da tendência de interpretar determinadas linguagens estudantis apenas como problemas disciplinares. A escola frequentemente privilegia conteúdos formais e exigências burocráticas em detrimento da construção de relações pedagógicas capazes de acolher as subjetividades presentes no cotidiano escolar.

Essa dinâmica produz sentimentos de invisibilidade entre muitos estudantes. Crianças e jovens passam grande parte de suas vidas dentro da instituição escolar, mas nem sempre encontram nela possibilidades reais de reconhecimento de suas experiências afetivas, culturais e sociais. Em muitos casos, os sujeitos sentem-se percebidos apenas a partir do desempenho acadêmico ou da adequação às normas disciplinares, enquanto aspectos importantes de suas identidades permanecem ignorados pelas relações institucionais.

A invisibilidade juvenil torna-se ainda mais intensa quando determinadas formas de linguagem produzidas pelos estudantes não correspondem aos modelos considerados legítimos pela escola. Gírias, desenhos, humor, manifestações visuais e escritas informais frequentemente são interpretados como sinais de desordem ou falta de compromisso com o ambiente escolar. Assim, modos próprios de comunicação juvenil acabam deslocados para as margens da institucionalidade pedagógica.

As pichações revelam justamente esse deslocamento. Ao escrever nas paredes, carteiras e corredores, os estudantes produzem formas alternativas de expressão que escapam aos canais formais de comunicação escolar. Muitas inscrições carregam frases, símbolos, desenhos e mensagens que dificilmente encontrariam espaço legítimo nos discursos oficiais da instituição. As paredes tornam-se, assim, superfícies onde aparecem experiências, afetos e conflitos que permanecem silenciados no cotidiano escolar.

Grande parte dessas manifestações expressa necessidade de visibilidade e pertencimento. Os nomes repetidos nas carteiras, as assinaturas espalhadas pelos corredores e as frases inscritas nos banheiros revelam tentativas de afirmar presença em um espaço onde muitos estudantes sentem-se pouco percebidos. Deixar marcas na escola pode representar uma maneira simbólica de romper a invisibilidade produzida pelas relações institucionais.

As inscrições também revelam que os estudantes desejam participar da construção simbólica do ambiente escolar. Mesmo quando consideradas inadequadas pela instituição, essas marcas demonstram que crianças e jovens não ocupam a escola de maneira passiva. Eles interpretam, reinventam e ressignificam continuamente os espaços escolares, produzindo linguagens próprias que desafiam os limites das formas oficiais de expressão.

A dificuldade da escola em lidar com essas manifestações frequentemente reforça os processos de silenciamento. Em vez de compreender as pichações como possíveis sinais das experiências juvenis presentes no cotidiano institucional, a tendência predominante costuma ser o apagamento imediato das marcas e a punição dos estudantes envolvidos. Nesse movimento, a instituição elimina não apenas a inscrição material sobre a parede, mas também a possibilidade de escutar aquilo que ela comunica sobre as relações escolares.

As pichações mostram que existe uma dimensão da experiência estudantil que insiste em aparecer mesmo quando não encontra reconhecimento institucional. As paredes escritas revelam vozes que procuram maneiras alternativas de existir simbolicamente dentro da escola. Ler essas marcas significa reconhecer que o cotidiano escolar é atravessado por subjetividades juvenis que não podem ser reduzidas apenas à condição de alunos disciplinados e silenciosos.

2.3 RESISTÊNCIA COTIDIANA E MICROTRANSGRESSÕES

As relações de poder presentes no ambiente escolar nunca se estabelecem de maneira absoluta ou totalmente estável. Mesmo submetidos às normas disciplinares da instituição, os estudantes desenvolvem continuamente pequenas estratégias de negociação, adaptação e resistência diante das formas de controle que organizam o cotidiano escolar. Essas práticas, muitas vezes discretas e aparentemente insignificantes, revelam modos pelos quais crianças e jovens buscam produzir autonomia simbólica dentro de um espaço marcado pela vigilância e pela normalização.

Em Foucault (1987), o poder nunca se realiza de maneira totalmente estável ou unilateral, pois toda relação de poder produz simultaneamente possibilidades de resistência. As microtransgressões juvenis presentes no cotidiano escolar revelam justamente essas pequenas rupturas produzidas no interior dos mecanismos disciplinares da instituição.

As resistências cotidianas não costumam assumir formas grandiosas de enfrentamento institucional. Na maioria das vezes, manifestam-se através de pequenos gestos que interrompem momentaneamente a lógica disciplinar da escola. Conversas paralelas durante a aula, trocas de bilhetes, brincadeiras, desenhos nas carteiras, apelidos, risos fora de hora e pichações constituem exemplos dessas microtransgressões produzidas diariamente pelos estudantes.

Essas práticas revelam que o cotidiano escolar não pode ser compreendido apenas a partir das normas oficiais da instituição. Existe uma outra dinâmica produzida silenciosamente pelos próprios alunos, marcada por formas de sociabilidade, humor, cumplicidade e linguagem que escapam parcialmente ao controle institucional. As juventudes criam maneiras próprias de ocupar os espaços escolares, reinterpretando regras e produzindo brechas dentro da organização disciplinar da escola.

As pichações ocupam posição significativa nesse conjunto de resistências cotidianas. Escrever sobre as paredes da escola representa uma forma de intervenção simbólica em um ambiente cuidadosamente organizado para limitar usos não autorizados dos espaços institucionais. Cada inscrição rompe momentaneamente a aparência controlada da escola e afirma a presença de sujeitos que desejam deixar marcas de suas experiências naquele lugar.

Muitas dessas pichações não possuem intenção explícita de confronto político direto. Ainda assim, produzem efeitos importantes ao desafiar silenciosamente a ordem visual e disciplinar da instituição. As paredes escritas revelam que os estudantes continuam buscando formas próprias de comunicação e expressão mesmo diante das tentativas permanentes de controle dos comportamentos escolares.

As microtransgressões também cumprem importante função na construção das culturas juvenis. Grande parte dessas práticas fortalece vínculos coletivos entre os estudantes, produzindo sentimentos de pertencimento e reconhecimento grupal. As inscrições espalhadas pela escola frequentemente carregam códigos compreensíveis apenas para determinados grupos juvenis, funcionando como formas de comunicação compartilhada dentro do cotidiano escolar.

Ao mesmo tempo, essas manifestações revelam tentativas de apropriação simbólica da instituição. Embora a escola pertença formalmente ao poder público e seja organizada por normas institucionais rígidas, os estudantes procuram continuamente produzir marcas de sua presença sobre os espaços que habitam diariamente. As pichações demonstram que as juventudes desejam participar da construção visual e simbólica da escola, ainda que isso ocorra por meio de práticas consideradas inadequadas pela instituição.

A resposta institucional a essas manifestações costuma ocorrer pela lógica da repressão e do apagamento. Paredes são repintadas, estudantes advertidos e novas formas de vigilância são implementadas para impedir o reaparecimento das inscrições. Entretanto, a recorrência constante das pichações demonstra que essas práticas não correspondem apenas a comportamentos isolados ou impulsivos. Elas fazem parte de dinâmicas mais amplas relacionadas às formas pelas quais crianças e jovens experimentam o cotidiano escolar.

As microtransgressões revelam que a escola não opera exclusivamente como espaço de submissão disciplinar. Mesmo em ambientes profundamente regulados, os sujeitos continuam criando brechas para produzir linguagem, afetividade e resistência cotidiana. As pichações tornam visível justamente essa dimensão da experiência escolar marcada pela tentativa permanente de ocupar simbolicamente a instituição e deixar rastros de existência sobre as superfícies do cotidiano.

Compreender essas manifestações exige deslocar o olhar para além das interpretações centradas exclusivamente na indisciplina. As pichações mostram que os estudantes não apenas recebem passivamente a escola organizada pelas estruturas institucionais. Eles também escrevem, desenham, reinventam e transformam continuamente os espaços que habitam. As paredes da escola tornam-se, assim, territórios onde aparecem os vestígios das experiências juvenis que insistem em existir mesmo diante das tentativas permanentes de vigilância e controle.

PARTE II

MUROS, ESCRITAS E LINGUAGENS DA TRANSGRESSÃO

CAPÍTULO

03 A HISTÓRIA SOCIAL DAS INSCRIÇÕES NOS MUROS

As paredes acompanham a história da humanidade como superfícies de registro, memória e comunicação simbólica. Muito antes da consolidação da escrita formal, os seres humanos já utilizavam cavernas, pedras, monumentos e diferentes espaços físicos para representar experiências, transmitir mensagens e deixar vestígios de sua existência no mundo. As inscrições espalhadas sobre superfícies materiais constituem práticas profundamente ligadas à necessidade humana de narrar, marcar presença e produzir linguagem. Nesse sentido, as pichações contemporâneas não surgem como fenômeno isolado ou exclusivamente associado à modernidade urbana; elas dialogam com uma longa trajetória histórica de ocupação simbólica dos espaços coletivos.

Ao longo dos séculos, diferentes sociedades utilizaram muros, paredes e espaços públicos como suportes para manifestações políticas, religiosas, afetivas e culturais. Escritas anônimas, desenhos improvisados, mensagens de contestação e registros cotidianos atravessaram épocas distintas, revelando que as superfícies urbanas sempre funcionaram como territórios de disputa simbólica e expressão social. As cidades nunca foram espaços silenciosos. Seus muros carregam marcas das tensões, desejos, conflitos e experiências produzidas por aqueles que as habitam. LEFEBVRE (2001) contribui para essa leitura ao compreender o espaço urbano como produção social atravessada por disputas de presença, circulação e pertencimento simbólico. Nesse horizonte, os muros deixam de constituir apenas estruturas arquitetônicas e passam a operar como superfícies de inscrição das experiências sociais invisibilizadas.

Na contemporaneidade, as pichações urbanas passaram a ocupar posição central nos debates sobre cidade, arte, juventude e criminalização das culturas marginais. Entretanto, muitas interpretações reduzem essas manifestações apenas à condição de vandalismo ou degradação visual, desconsiderando suas dimensões históricas, comunicacionais e simbólicas. Compreender as pichações escolares exige perceber que elas fazem parte de práticas humanas muito mais amplas relacionadas à necessidade de produzir marcas, narrativas e formas de presença nos espaços coletivos.

Ao escrever nas paredes da escola, crianças e jovens repetem, ainda que em contextos distintos, uma prática historicamente compartilhada por diferentes grupos sociais: transformar superfícies em espaços de linguagem. As inscrições presentes nos corredores, carteiras e banheiros escolares dialogam com formas históricas de ocupação simbólica do espaço, revelando que os sujeitos continuam buscando maneiras de registrar afetos, experiências e conflitos sobre os lugares que habitam cotidianamente.

3.1 DAS CAVERNAS ÀS CIDADES CONTEMPORÂNEAS

Os primeiros registros produzidos pela humanidade já revelavam a necessidade de transformar superfícies em espaços de representação simbólica. As pinturas rupestres encontradas em cavernas demonstram que, desde períodos remotos, os seres humanos utilizavam paredes para comunicar experiências, representar cenas da vida cotidiana e produzir formas de memória coletiva. Muito além de simples desenhos decorativos, essas inscrições constituíam maneiras de estabelecer vínculos simbólicos com o mundo, registrar acontecimentos e compartilhar sentidos culturais.

As cavernas funcionavam como espaços atravessados por dimensões sociais, espirituais e comunicacionais. Animais desenhados, marcas geométricas e representações humanas indicam que os grupos pré-históricos já compreendiam as superfícies como lugares capazes de preservar experiências e produzir linguagem visual. A escrita, nesse sentido, antecede os sistemas formais de alfabetização e aparece inicialmente vinculada ao gesto humano de deixar marcas sobre o espaço.

Ao longo da Antiguidade, diferentes civilizações continuaram utilizando muros, pedras e monumentos como suportes de comunicação pública. No Egito antigo, inscrições hieroglíficas ocupavam templos e construções monumentais, articulando dimensões religiosas, políticas e administrativas. Em Roma, as paredes das cidades eram constantemente preenchidas por anúncios comerciais, mensagens políticas, declarações amorosas e comentários cotidianos escritos por cidadãos anônimos. Muitas dessas inscrições sobreviveram ao tempo, revelando aspectos da vida social que raramente aparecem nos registros oficiais da história.

As cidades romanas demonstram de maneira significativa que os muros sempre funcionaram como espaços de circulação de discursos sociais diversos. Nas paredes de Pompeia, por exemplo, arqueólogos encontraram mensagens eleitorais, poemas, ironias, críticas políticas e declarações afetivas produzidas pelos habitantes da cidade. Essas inscrições mostram que a prática de escrever sobre superfícies públicas faz parte de experiências humanas antigas relacionadas à necessidade de comunicação e visibilidade social.

Durante a Idade Média, as inscrições em paredes continuaram presentes em igrejas, castelos e espaços urbanos. Símbolos religiosos, marcas de passagem, desenhos e pequenos registros cotidianos apareciam sobre diferentes superfícies, revelando usos variados dos espaços públicos e privados. Embora os sistemas de poder buscassem controlar determinadas formas de linguagem, os sujeitos continuavam produzindo marcas e inscrições que escapavam parcialmente às estruturas institucionais.

Com a consolidação das cidades modernas, os muros tornaram-se ainda mais intensamente disputados como territórios simbólicos. O crescimento urbano, a industrialização e a expansão das desigualdades sociais contribuíram para transformar as superfícies da cidade em espaços de propaganda política, manifestações populares e expressões culturais marginais. Cartazes, frases, pinturas e inscrições passaram a ocupar ruas e edifícios, revelando que os espaços urbanos funcionam também como ambientes de disputa comunicacional.

Nas grandes cidades contemporâneas, as pichações emergem como manifestações profundamente vinculadas às experiências juvenis e periféricas. Os muros urbanos tornam-se espaços onde diferentes sujeitos buscam produzir visibilidade, reconhecimento e presença simbólica diante de contextos marcados pela desigualdade e

pela invisibilidade social. Escrever sobre a cidade passa a representar uma maneira de ocupar simbolicamente territórios frequentemente organizados para excluir determinadas populações dos espaços legítimos de representação.

As pichações escolares dialogam diretamente com essa longa trajetória histórica de inscrições sobre superfícies coletivas. Embora ocorram em um espaço institucional específico, elas revelam a permanência da necessidade humana de transformar paredes em lugares de linguagem, memória e expressão simbólica. Os estudantes escrevem sobre a escola porque desejam deixar marcas de suas experiências em um ambiente que atravessa profundamente suas vidas cotidianas.

3.2 ESCRITAS URBANAS E MEMÓRIA COLETIVA

As cidades podem ser compreendidas como grandes arquivos de experiências humanas inscritas sobre o espaço urbano. Ruas, monumentos, edifícios e muros carregam marcas produzidas por diferentes grupos sociais ao longo do tempo, revelando disputas políticas, transformações culturais e modos variados de ocupação simbólica da cidade. As escritas urbanas fazem parte dessa dinâmica ao converter superfícies cotidianas em espaços de comunicação e memória coletiva.

Grande parte das inscrições presentes nos muros urbanos surge de maneira anônima e fragmentada, escapando às formas oficiais de registro histórico. Entretanto, justamente por isso, elas revelam experiências sociais frequentemente invisibilizadas pelos discursos institucionais. Frases políticas, mensagens de protesto, declarações afetivas, símbolos juvenis e pichações espalhadas pela cidade expressam modos pelos quais diferentes sujeitos buscam afirmar presença e produzir linguagem nos espaços públicos.

As escritas urbanas também revelam disputas relacionadas ao direito de ocupar simbolicamente a cidade. Nem todos os grupos sociais possuem as mesmas possibilidades de representação e visibilidade nos espaços urbanos. Enquanto determinadas formas de comunicação são legitimadas e incorporadas à paisagem oficial da cidade — como publicidade, monumentos e campanhas institucionais — outras permanecem associadas à marginalidade e à criminalização. As pichações inserem-se justamente nesse campo de tensão entre linguagem autorizada e expressão marginal.

Muitos jovens das periferias urbanas encontram nas pichações maneiras de produzir reconhecimento coletivo e afirmar pertencimento territorial. Assinaturas, símbolos e frases espalhadas pelos muros funcionam como formas de presença simbólica em cidades frequentemente organizadas por profundas desigualdades sociais. As superfícies urbanas tornam-se territórios onde sujeitos historicamente invisibilizados tentam inscrever seus nomes, experiências e linguagens.

As inscrições urbanas também desempenham importante função na construção da memória coletiva. Muitas mensagens espalhadas pelas cidades registram acontecimentos políticos, movimentos sociais, sentimentos compartilhados e experiências históricas específicas. Em diferentes momentos históricos, muros foram utilizados como espaços de denúncia, resistência e mobilização coletiva diante de regimes autoritários e contextos de repressão política. As paredes tornam-se, assim, superfícies capazes de preservar rastros de experiências sociais que não encontram lugar nos registros oficiais da história.

A efemeridade dessas inscrições não reduz sua importância simbólica. Pelo contrário, muitas pichações carregam justamente a intensidade de manifestações produzidas em contextos marcados pela urgência e pela instabilidade. Mesmo quando apagadas rapidamente, deixam vestígios da presença de sujeitos que ocuparam simbolicamente aquele espaço por meio da linguagem.

As escolas também podem ser compreendidas como pequenos territórios urbanos atravessados por essas dinâmicas de memória e ocupação simbólica. As pichações presentes nos corredores, carteiras e banheiros escolares registram experiências cotidianas produzidas por diferentes gerações de estudantes. Nomes escritos sobre paredes, frases amorosas, desenhos e mensagens anônimas tornam-se fragmentos de memórias juvenis espalhadas pelo espaço institucional.

Muitas dessas inscrições sobrevivem ao tempo e permanecem visíveis mesmo após tentativas de apagamento. Outras desaparecem rapidamente, mas continuam sendo substituídas por novas marcas produzidas pelos estudantes. Esse movimento contínuo revela que as paredes escolares funcionam como superfícies de circulação simbólica onde diferentes sujeitos deixam rastros de suas experiências e tentativas de pertencimento.

As escritas presentes na escola revelam que os estudantes desejam participar da construção simbólica do ambiente que habitam diariamente. Mesmo quando consideradas inadequadas pela instituição, essas inscrições demonstram que crianças e jovens produzem formas próprias de memória e ocupação do espaço escolar. As paredes deixam de funcionar apenas como estruturas físicas neutras e tornam-se arquivos silenciosos das experiências juvenis.

3.3 PICHAÇÃO, GRAFITE E CULTURA VISUAL

As pichações contemporâneas ocupam posição central nas disputas relacionadas à cultura visual urbana. Em meio às transformações das cidades e à expansão das linguagens imagéticas nas sociedades contemporâneas, os muros tornaram-se espaços intensamente disputados por diferentes formas de expressão visual. Entretanto, nem todas essas manifestações recebem o mesmo reconhecimento social e institucional. Enquanto determinadas práticas são valorizadas como arte urbana, outras permanecem associadas à criminalização e à marginalidade.

A distinção entre grafite e pichação constitui exemplo significativo dessas disputas simbólicas. O grafite passou progressivamente a ocupar espaços legitimados no campo artístico, sendo incorporado por galerias, projetos culturais e políticas públicas voltadas à revitalização urbana. Muitos grafiteiros tornaram-se artistas reconhecidos internacionalmente, e suas produções passaram a integrar circuitos formais da arte contemporânea.

As pichações, por outro lado, continuam frequentemente associadas à ideia de sujeira, degradação visual e criminalidade urbana. Essa diferença de tratamento revela que os critérios utilizados para definir o que pode ou não ser reconhecido como arte estão profundamente ligados às relações sociais de poder e legitimidade cultural. Certas linguagens visuais tornam-se aceitáveis quando se aproximam dos padrões estéticos valorizados institucionalmente, enquanto outras permanecem marginalizadas por estarem associadas a sujeitos periféricos e práticas não autorizadas.

Entretanto, a separação rígida entre grafite e pichação nem sempre é simples ou consensual. Muitas manifestações urbanas transitam entre diferentes formas de linguagem visual, misturando elementos artísticos, identitários e políticos. Além disso, as próprias pichações apresentam estilos específicos de escrita, códigos estéticos e formas complexas de reconhecimento coletivo entre seus praticantes.

As pichações produzem cultura visual porque transformam a paisagem urbana e escolar em espaço de circulação de signos, símbolos e linguagens juvenis. As letras estilizadas, assinaturas repetidas, desenhos improvisados e frases espalhadas pelos muros compõem uma estética própria que dialoga diretamente com experiências urbanas contemporâneas. Mesmo rejeitadas institucionalmente, essas manifestações participam da construção visual das cidades e dos espaços escolares. Ao mesmo tempo, essas manifestações evidenciam aquilo que CANCLINI (2015) denomina culturas híbridas, nas quais práticas marginais, linguagens urbanas e produções visuais transitam entre fronteiras instáveis de legitimidade cultural e reconhecimento social.

A cultura visual contemporânea é marcada justamente pela multiplicidade de imagens, signos e formas de comunicação que atravessam o cotidiano social. Crianças e jovens crescem imersos em ambientes profundamente visuais, onde linguagens imagéticas ocupam papel central nas formas de sociabilidade e expressão subjetiva. As pichações inserem-se nesse contexto como práticas que articulam escrita, imagem, identidade e ocupação simbólica do espaço.

Nas escolas, essa dimensão visual aparece de maneira intensa. As inscrições presentes nas paredes, carteiras e corredores revelam tentativas de transformar o ambiente institucional em espaço de expressão estética e comunicação juvenil. Mesmo quando produzidas de maneira improvisada ou anônima, essas marcas carregam escolhas visuais relacionadas à forma das letras, à ocupação das superfícies e aos códigos compartilhados entre os estudantes.

As pichações escolares demonstram que os sujeitos desejam participar visualmente da construção do espaço que habitam. As paredes tornam-se superfícies onde aparecem estilos gráficos, símbolos afetivos, humor, ironias e formas particulares de linguagem visual produzidas pelas juventudes. Ignorar completamente essas manifestações significa desconsiderar uma dimensão importante das experiências culturais contemporâneas.

Compreender as pichações como parte da cultura visual não implica romantizar todas as inscrições ou ignorar os conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos. Significa reconhecer que essas manifestações carregam dimensões simbólicas, estéticas e comunicacionais que ultrapassam interpretações simplificadoras centradas exclusivamente na ideia de vandalismo. As paredes escritas revelam que crianças e jovens continuam buscando maneiras de produzir imagens, signos e linguagem dentro dos espaços que atravessam suas experiências cotidianas.

Ao observar a longa história das inscrições humanas sobre superfícies coletivas, torna-se possível perceber que as pichações escolares fazem parte de uma tradição muito mais ampla de ocupação simbólica do espaço. Das cavernas às cidades contemporâneas, os sujeitos continuam escrevendo sobre paredes porque continuam desejando deixar marcas de suas existências no mundo.

CAPÍTULO

04 ENTRE VANDALISMO E ARTE: DISPUTAS DE SENTIDO

As pichações urbanas e escolares ocupam um lugar profundamente controverso nas sociedades contemporâneas. Ao mesmo tempo em que aparecem associadas à ideia de degradação visual, desordem e criminalidade, também produzem debates relacionados à arte, à linguagem e à ocupação simbólica dos espaços coletivos. Poucas manifestações culturais provocam reações tão intensas e contraditórias quanto as inscrições espalhadas pelos muros das cidades e pelas paredes das escolas. Enquanto alguns olhares enxergam apenas sujeira e vandalismo, outros percebem formas de expressão estética, comunicação marginal e resistência cotidiana.

Essa disputa revela que as interpretações dirigidas às pichações não são naturais nem universais. O que uma sociedade reconhece como arte, vandalismo ou manifestação cultural depende de relações históricas, políticas e sociais que definem quais linguagens podem ocupar legitimamente os espaços públicos. As fronteiras entre arte e criminalização são construídas socialmente e atravessadas por disputas de poder que envolvem classe social, juventude, território, estética e reconhecimento cultural.

As pichações escolares inserem-se diretamente nesse campo de tensão. As marcas produzidas pelos estudantes frequentemente são interpretadas apenas como sinais de indisciplina e depredação do patrimônio institucional. Entretanto, muitas dessas inscrições apresentam elementos visuais, afetivos e simbólicos que ultrapassam a simples intenção de destruir o espaço físico da escola. Frases poéticas, desenhos, símbolos e formas estilizadas de escrita revelam tentativas de produzir linguagem, memória e presença simbólica dentro de um ambiente marcado pelo controle institucional.

Compreender essas manifestações exige deslocar o olhar para além das classificações imediatas que opõem arte e vandalismo como categorias fixas e excludentes. As pichações revelam justamente a instabilidade dessas fronteiras ao produzir formas de expressão que desafiam os critérios tradicionais de legitimidade estética e ocupação do espaço urbano e escolar.

4.1 A CRIMINALIZAÇÃO DA PICHAÇÃO

A classificação da pichação como ato de vandalismo costuma aparecer nos discursos sociais como algo evidente e incontestável. Entretanto, essa interpretação corresponde a uma construção histórica e política relacionada às formas pelas quais determinadas práticas culturais passam a ser reconhecidas como legítimas ou ilegítimas dentro do espaço urbano. A criminalização da pichação não decorre apenas dos impactos materiais produzidos sobre os muros e superfícies públicas, mas também das identidades sociais associadas a essas manifestações.

Grande parte das pichações urbanas é produzida por jovens provenientes de contextos periféricos e marcados por desigualdades sociais profundas. Os corpos, linguagens e territórios associados à prática da pichação frequentemente ocupam posições marginalizadas dentro das dinâmicas urbanas contemporâneas. Nesse contexto, a rejeição às pichações muitas vezes expressa também rejeição às formas de presença social construídas por determinados grupos juvenis nos espaços da cidade.

As cidades modernas organizam-se a partir de disputas constantes sobre quem pode ocupar visualmente os espaços públicos e quais formas de linguagem são consideradas aceitáveis na paisagem urbana. Enquanto anúncios publicitários, outdoors e propagandas empresariais ocupam legitimamente muros e edifícios, determinadas formas de expressão produzidas por sujeitos marginalizados passam a ser classificadas como poluição visual ou ameaça à ordem urbana. Essa diferença de tratamento revela que o problema não está apenas na ocupação das superfícies, mas nos sujeitos autorizados ou não a produzir visibilidade sobre elas.

A criminalização da pichação também se relaciona à tentativa de preservar determinadas imagens de cidade organizadas pela limpeza visual, pela ordem e pelo controle dos espaços urbanos. As pichações rompem essa aparência disciplinada ao tornar visíveis marcas produzidas fora das formas institucionais de comunicação e representação social. As letras estilizadas, os nomes espalhados pelos muros e as inscrições improvisadas desafiam silenciosamente a ideia de uma cidade visualmente controlada e organizada apenas por linguagens autorizadas.

No ambiente escolar, essa lógica assume características específicas. As pichações produzidas pelos estudantes costumam ser interpretadas imediatamente como sinais de desrespeito à instituição e deterioração do patrimônio público. As respostas institucionais frequentemente se concentram no apagamento rápido das inscrições e na punição dos sujeitos envolvidos. Entretanto, raramente se questiona o que leva crianças e jovens a transformar superfícies escolares em espaços de escrita e expressão.

A rapidez com que as marcas são apagadas demonstra o incômodo institucional diante daquilo que escapa ao controle visual da escola. As paredes escritas revelam que os estudantes continuam produzindo linguagens próprias dentro de um espaço organizado justamente para regular formas legítimas de comunicação e comportamento. Ao criminalizar exclusivamente essas manifestações, a escola corre o risco de ignorar as dimensões afetivas, simbólicas e subjetivas presentes nas inscrições espalhadas por seus corredores.

Isso não significa negar os conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos ou defender indiscriminadamente toda prática de pichação. A questão central consiste em compreender que as interpretações dirigidas a essas manifestações são atravessadas por disputas sociais mais amplas relacionadas ao controle dos corpos, das linguagens e das formas legítimas de ocupar simbolicamente os espaços urbanos e escolares.

4.2 O GRAFITE COMO ARTE LEGITIMADA

Enquanto a pichação continua frequentemente associada à criminalização e à marginalidade, o grafite passou progressivamente a ocupar posições de reconhecimento cultural e valorização estética nas cidades contemporâneas. Essa transformação revela de maneira significativa como os critérios que definem aquilo que pode ser reconhecido como arte dependem de processos históricos e sociais de legitimação cultural.

Nas últimas décadas, o grafite deixou de ser percebido exclusivamente como intervenção marginal sobre os muros urbanos e passou a integrar galerias de arte, projetos culturais, festivais internacionais e políticas públicas de revitalização urbana. Muitos artistas ligados ao grafite conquistaram reconhecimento institucional e comercial, transformando suas produções em elementos valorizados dentro do circuito artístico contemporâneo.

Entretanto, essa legitimação não ocorreu de maneira neutra. Grande parte do reconhecimento concedido ao grafite esteve associada à adaptação dessas manifestações a determinados padrões estéticos e institucionais considerados aceitáveis pelos circuitos culturais dominantes. Obras autorizadas, visualmente organizadas e compatíveis com expectativas de valorização artística passaram a ser incorporadas pelas cidades como formas legítimas de arte urbana.

Esse processo evidencia que as fronteiras entre arte e vandalismo não são definidas apenas pelas características formais das produções visuais, mas também pelas relações de poder que determinam quais sujeitos e linguagens podem ocupar legitimamente os espaços públicos. Enquanto o grafite autorizado pode ser celebrado como expressão artística, a pichação anônima continua frequentemente associada à ideia de desordem e ameaça urbana.

A distinção entre grafite e pichação também revela tensões relacionadas à institucionalização das culturas marginais. Muitas práticas inicialmente produzidas em contextos periféricos passam a ser valorizadas quando incorporadas por circuitos culturais legitimados, enquanto outras permanecem excluídas por não se ajustarem aos modelos estéticos e sociais considerados aceitáveis. O reconhecimento artístico depende, muitas vezes, da capacidade de determinadas linguagens se aproximarem das formas institucionalmente valorizadas de produção cultural.

Nas escolas, essa diferença de tratamento pode ser percebida de maneira bastante evidente. Projetos pedagógicos relacionados ao grafite frequentemente são incentivados como formas de expressão artística juvenil, sobretudo quando organizados dentro de propostas institucionais controladas. Entretanto, inscrições espontâneas produzidas pelos estudantes continuam sendo interpretadas predominantemente como vandalismo, mesmo quando apresentam forte elaboração visual e simbólica.

Essa contradição revela que a questão central não está apenas na presença de imagens ou escritas sobre as paredes, mas nas condições institucionais que autorizam ou proíbem determinadas formas de ocupação simbólica do espaço escolar. O grafite torna-se aceitável quando ocorre sob supervisão institucional, enquanto a pichação permanece associada à transgressão justamente por escapar às formas oficiais de controle e autorização.

Apesar dessas diferenças, grafite e pichação compartilham aspectos importantes relacionados à ocupação visual dos espaços urbanos e escolares. Ambas as manifestações transformam muros e superfícies em territórios de linguagem, imagem e produção

simbólica. Além disso, revelam a permanência da necessidade humana de produzir marcas visuais sobre os espaços coletivos como forma de expressão, memória e presença social.

4.3 ESTÉTICA, MARGINALIDADE E RECONHECIMENTO CULTURAL

As disputas em torno das pichações revelam que o reconhecimento estético nunca ocorre de maneira neutra ou universal. Aquilo que uma sociedade define como belo, artístico ou culturalmente legítimo depende de relações históricas de poder que organizam os modos de percepção social. As linguagens visuais produzidas por sujeitos marginalizados frequentemente encontram maiores dificuldades para alcançar reconhecimento institucional, sobretudo quando desafiam padrões estéticos e comportamentais dominantes.

A estética das pichações urbanas e escolares está profundamente associada às experiências juvenis, periféricas e marginais que atravessam essas manifestações. Letras estilizadas, assinaturas repetidas, frases fragmentadas e intervenções improvisadas compõem formas visuais específicas que dialogam diretamente com determinadas culturas urbanas contemporâneas. Mesmo quando rejeitadas socialmente, essas inscrições produzem códigos estéticos compartilhados entre seus praticantes e grupos de pertencimento.

Grande parte do incômodo provocado pelas pichações decorre justamente de sua recusa em se ajustar aos modelos tradicionais de beleza e organização visual valorizados pelas instituições. Diferentemente de manifestações artísticas cuidadosamente enquadradas pelos circuitos culturais formais, as pichações surgem de maneira inesperada, anônima e frequentemente desordenada sobre os espaços urbanos e escolares. Elas rompem a aparência controlada dos ambientes e introduzem marcas visuais produzidas fora das normas institucionais de ocupação do espaço.

Essa dimensão marginal das pichações não representa ausência de estética. Pelo contrário, muitas inscrições revelam preocupações relacionadas à forma, ao impacto visual, à repetição estilística e à construção de identidades gráficas específicas. Os sujeitos envolvidos nessas práticas frequentemente desenvolvem códigos visuais próprios, reconhecidos e compartilhados dentro de determinados grupos juvenis e urbanos.

As pichações escolares também revelam essa dimensão estética frequentemente invisibilizada pelas interpretações centradas apenas na ideia de indisciplina. Muitas inscrições produzidas pelos estudantes apresentam desenhos elaborados, frases poéticas, letras estilizadas e composições visuais que demonstram criatividade e intenção expressiva. As paredes da escola tornam-se espaços onde aparecem formas particulares de linguagem estética produzidas pelas juventudes no interior do cotidiano institucional. BENJAMIN (1987) já advertia que as formas estéticas produzidas na modernidade carregam marcas das transformações da experiência urbana e das sensibilidades coletivas, aspecto que permite compreender as pichações escolares como fragmentos de experiência inscritos sobre a materialidade cotidiana da escola.

A análise das fotografias registradas durante a pesquisa permitiu identificar inscrições cuja elaboração gráfica demonstrava intencionalidade estética evidente. Algumas pichações apresentavam organização visual, repetição estilística, jogos de palavras e construção poética, aproximando-se de manifestações artísticas produzidas espontaneamente pelos estudantes. Em vez de simples rabiscos aleatórios, muitas inscrições revelavam tentativas de elaboração simbólica da experiência juvenil vivida no espaço escolar.

Entretanto, a escola raramente reconhece essas manifestações como produções culturais legítimas. A maior parte das inscrições é imediatamente enquadrada como problema disciplinar, independentemente de suas características visuais ou simbólicas. Nesse processo, experiências criativas e formas de sensibilidade juvenil acabam invisibilizadas sob o discurso da preservação da ordem institucional.

A dificuldade de reconhecer determinadas linguagens juvenis como manifestações culturais legítimas relaciona-se também às formas pelas quais a sociedade estabelece hierarquias entre diferentes tipos de produção estética. Certas expressões culturais produzidas por grupos socialmente valorizados tornam-se facilmente incorporadas aos circuitos artísticos oficiais, enquanto manifestações associadas à periferia, à juventude e à marginalidade permanecem sob suspeita constante.

As pichações desafiam justamente essas hierarquias ao tornar visíveis sujeitos e linguagens que frequentemente ocupam posições de invisibilidade social. Escrever sobre os muros da cidade ou sobre as paredes da escola representa uma maneira de afirmar presença simbólica em espaços organizados por relações desiguais de reconhecimento e representação cultural. As inscrições revelam que os sujeitos marginalizados continuam produzindo formas próprias de linguagem estética mesmo quando não encontram legitimidade institucional para suas manifestações.

Compreender essas práticas exige deslocar o olhar para além das categorias rígidas que separam arte e vandalismo de maneira absoluta. As pichações revelam que as fronteiras entre estética, marginalidade e reconhecimento cultural são instáveis e permanentemente disputadas. As paredes escritas mostram que crianças e jovens continuam buscando maneiras de produzir imagens, linguagem e sensibilidade dentro de espaços marcados pelo controle institucional e pelas desigualdades sociais.

Ao observar as pichações escolares sob essa perspectiva, torna-se possível perceber que elas carregam muito mais do que sinais de deterioração material. As inscrições espalhadas pelos corredores e carteiras revelam formas de criação visual, tentativas de pertencimento e modos de existência simbólica produzidos pelas juventudes contemporâneas. As paredes da escola tornam-se, assim, superfícies onde aparecem disputas relacionadas não apenas à disciplina e ao controle, mas também ao direito de produzir linguagem, estética e presença social dentro do cotidiano institucional.

CAPÍTULO

05 PICHAÇÃO COMO LINGUAGEM POLÍTICA

As pichações urbanas e escolares ultrapassam a condição de simples marcas visuais espalhadas sobre paredes e muros. Elas constituem formas de linguagem produzidas por sujeitos que buscam ocupar simbolicamente os espaços coletivos, produzir visibilidade e comunicar experiências frequentemente silenciadas pelas estruturas institucionais da cidade e da escola. Mesmo quando fragmentadas, anônimas ou aparentemente desordenadas, essas inscrições carregam sentidos políticos relacionados às disputas por presença, reconhecimento e pertencimento social.

A dimensão política das pichações não se manifesta apenas por meio de mensagens explicitamente ideológicas ou reivindicatórias. Muitas vezes, o caráter político dessas práticas reside justamente no gesto de ocupar superfícies públicas sem autorização institucional, rompendo a aparência controlada dos espaços urbanos e escolares. Ao escrever sobre os muros da cidade ou sobre as paredes da escola, os sujeitos produzem intervenções que desafiam silenciosamente as normas que regulam quem pode falar, aparecer e deixar marcas sobre os ambientes coletivos.

As pichações revelam que as linguagens produzidas nas margens sociais continuam buscando maneiras de existir, mesmo diante das tentativas permanentes de vigilância e apagamento. Crianças, jovens e grupos historicamente invisibilizados transformam superfícies cotidianas em espaços de comunicação alternativa, produzindo mensagens, símbolos e marcas que escapam parcialmente às formas oficiais de controle da linguagem. Nesse sentido, as pichações podem ser compreendidas como práticas comunicacionais vinculadas às experiências de sujeitos que encontram poucas possibilidades legítimas de expressão nos circuitos institucionais dominantes.

No ambiente escolar, essa dimensão política torna-se ainda mais significativa. As inscrições produzidas pelos estudantes revelam tentativas de ocupar simbolicamente uma instituição historicamente organizada pela disciplina e pelo controle dos corpos. As paredes escritas mostram que os sujeitos não permanecem totalmente silenciosos diante das estruturas escolares. Eles criam linguagens próprias, produzem códigos compartilhados e deixam rastros de suas experiências sobre as superfícies do cotidiano institucional.

5.1 COMUNICAÇÃO MARGINAL E FOLKCOMUNICAÇÃO

As pichações podem ser compreendidas como formas de comunicação produzidas fora dos canais institucionais legitimados pela sociedade. Diferentemente das linguagens oficiais organizadas pelos meios de comunicação tradicionais, pelas instituições políticas ou pelos sistemas formais de ensino, as inscrições espalhadas pelos muros emergem das margens sociais, articulando experiências de sujeitos frequentemente excluídos dos espaços dominantes de representação e visibilidade.

Nesse contexto, as pichações aproximam-se das discussões relacionadas à folkcomunicação, conceito desenvolvido por Luiz Beltrão para compreender os modos pelos quais grupos populares e marginalizados constroem formas próprias de circulação de mensagens e produção simbólica. A folkcomunicação evidencia que diferentes sujeitos sociais criam estratégias alternativas de linguagem quando encontram limitações de acesso aos meios oficiais de comunicação.

As pichações urbanas e escolares revelam justamente essa dimensão comunicacional produzida nas margens institucionais. Frases escritas sobre paredes, assinaturas repetidas, símbolos e desenhos espalhados pelos espaços públicos funcionam como mensagens dirigidas a diferentes interlocutores sociais. Ainda que muitas dessas inscrições não sejam imediatamente compreendidas por todos os observadores, elas carregam códigos compartilhados entre determinados grupos juvenis e periféricos.

Grande parte dessas mensagens expressa experiências sociais que dificilmente encontrariam espaço nos discursos institucionais dominantes. As pichações comunicam afetos, revoltas, desejos de pertencimento, críticas silenciosas e formas de reconhecimento coletivo construídas entre sujeitos historicamente invisibilizados. Ao transformar superfícies urbanas em espaços de linguagem, os praticantes da pichação produzem circuitos alternativos de comunicação dentro das cidades e das escolas.

Nas escolas, essa dimensão comunicacional aparece de maneira intensa. As inscrições presentes nas carteiras, corredores e banheiros funcionam como formas de diálogo informal entre estudantes, estabelecendo redes simbólicas de pertencimento e compartilhamento de experiências. Muitas frases, desenhos e assinaturas só fazem sentido para aqueles que participam diretamente dos contextos juvenis nos quais essas marcas são produzidas.

As pichações escolares também revelam que os estudantes desejam participar da construção simbólica da instituição. Ao escrever nas paredes, crianças e jovens produzem linguagens próprias dentro de um ambiente onde grande parte das formas legítimas de comunicação permanece controlada pelos adultos e pelas normas pedagógicas. As inscrições tornam-se maneiras alternativas de afirmar presença e produzir visibilidade dentro da cultura escolar.

A comunicação marginal construída pelas pichações desafia a ideia de que apenas os discursos institucionalizados possuem legitimidade social. As paredes escritas mostram que os sujeitos continuam criando formas próprias de expressão mesmo quando não encontram reconhecimento nos canais formais de linguagem. As cidades e as escolas tornam-se, assim, territórios atravessados por diferentes disputas comunicacionais relacionadas ao direito de falar, aparecer e deixar marcas sobre os espaços coletivos.

5.2 O ANONIMATO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

O anonimato ocupa posição central nas práticas de pichação urbana e escolar. Grande parte das inscrições espalhadas pelos muros das cidades e pelas paredes das escolas é produzida sem identificação explícita de autoria, revelando uma dimensão importante das relações entre linguagem, poder e resistência. Escrever anonimamente não representa apenas tentativa de evitar punições institucionais; constitui também estratégia simbólica profundamente ligada às experiências de sujeitos marginalizados diante das estruturas de controle social.

Nas sociedades contemporâneas, os mecanismos de vigilância tornam-se cada vez mais intensos sobre os corpos, comportamentos e formas de circulação nos espaços públicos. As cidades são atravessadas por câmeras, monitoramentos e dispositivos destinados a regular os usos considerados legítimos do ambiente urbano. Nas escolas, o controle também se manifesta através da observação constante dos estudantes e da tentativa permanente de disciplinar suas formas de expressão. Nesse contexto, o anonimato surge como maneira de produzir linguagem sem submissão completa às estruturas institucionais de identificação e vigilância.

Ao permanecerem anônimas, as pichações desafiam a lógica institucional que busca associar toda prática considerada inadequada a sujeitos específicos passíveis de punição e controle. A ausência de autoria claramente identificada dificulta o enquadramento individual das inscrições e amplia a dimensão coletiva e difusa dessas manifestações. As marcas espalhadas pelas paredes passam a representar não apenas indivíduos isolados, mas experiências sociais compartilhadas entre diferentes sujeitos juvenis e periféricos.

O anonimato também produz formas particulares de circulação simbólica. Muitas pichações tornam-se reconhecidas não pelo nome civil de seus autores, mas pelos estilos gráficos, símbolos ou assinaturas construídas no interior das culturas juvenis urbanas. Os sujeitos criam identidades visuais próprias que circulam pelos espaços da cidade e da escola sem necessariamente revelar informações pessoais ou institucionais sobre quem produziu as inscrições.

Nas escolas, essa dinâmica aparece de maneira significativa. Os estudantes escrevem frases, desenham símbolos e deixam marcas sobre carteiras e corredores sem assumir explicitamente a autoria das inscrições. Entretanto, essas manifestações frequentemente circulam entre os grupos juvenis como formas de reconhecimento simbólico compartilhado. O anonimato não impede a comunicação; pelo contrário, muitas vezes fortalece os vínculos coletivos construídos em torno das práticas de ocupação simbólica do espaço escolar.

Além disso, o anonimato revela formas silenciosas de resistência diante das estruturas disciplinares da escola. Os estudantes produzem linguagem em um ambiente profundamente regulado, mas o fazem através de práticas que escapam parcialmente aos mecanismos de vigilância institucional. As inscrições anônimas tornam-se maneiras de ocupar simbolicamente a escola sem submissão total às formas oficiais de controle da comunicação e dos comportamentos.

As pichações demonstram que a resistência nem sempre ocorre por meio de enfrentamentos explícitos ou discursos políticos organizados. Muitas vezes, manifesta-se em pequenos gestos cotidianos de produção de linguagem e ocupação simbólica dos espaços. O anonimato permite justamente que essas práticas continuem existindo mesmo sob constante ameaça de punição e apagamento institucional.

As paredes escritas revelam que os sujeitos continuam buscando maneiras de produzir presença social e afirmar existência simbólica dentro de contextos marcados pela vigilância e pelo controle. As marcas anônimas espalhadas pela cidade e pela escola mostram que as linguagens marginais persistem justamente porque conseguem criar brechas dentro das estruturas institucionais que procuram silenciá-las.

5.3 PAREDES COMO TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS

As paredes urbanas e escolares ultrapassam sua função arquitetônica quando passam a ser ocupadas por inscrições, desenhos e marcas produzidas pelos sujeitos que circulam nesses espaços. Muros, corredores, carteiras e banheiros tornam-se territórios simbólicos onde diferentes grupos sociais disputam visibilidade, presença e formas de linguagem. As pichações revelam que os espaços coletivos não são neutros; eles carregam conflitos relacionados ao direito de ocupar visualmente a cidade e a escola.

Nas sociedades contemporâneas, os espaços urbanos são constantemente regulados por normas que definem usos considerados legítimos das superfícies públicas. Determinadas imagens e mensagens — como propagandas, placas institucionais e campanhas publicitárias — ocupam legalmente os muros da cidade, enquanto outras formas de inscrição permanecem classificadas como inadequadas ou criminosas. Essa distinção revela que o controle das paredes corresponde também ao controle das linguagens autorizadas a circular socialmente.

As pichações rompem parcialmente essa lógica ao transformar superfícies urbanas em espaços de comunicação produzidos por sujeitos historicamente marginalizados. Escrever sobre os muros representa uma forma de reivindicar presença simbólica dentro de cidades organizadas por profundas desigualdades de reconhecimento e representação social. Os sujeitos deixam marcas porque desejam existir visualmente em ambientes que frequentemente os tornam invisíveis.

Nas escolas, as paredes também funcionam como territórios simbólicos disputados entre instituição e estudantes. A escola busca preservar a aparência organizada e disciplinada do ambiente escolar, enquanto crianças e jovens transformam superfícies cotidianas em espaços de linguagem e ocupação simbólica. As inscrições espalhadas pelas carteiras, corredores e banheiros revelam tentativas de produzir presença e pertencimento dentro de uma instituição marcada pelo controle dos corpos e das formas legítimas de expressão.

Grande parte dessas marcas carrega dimensões afetivas e identitárias importantes para os estudantes. Nomes escritos sobre paredes, frases amorosas, símbolos compartilhados e desenhos improvisados funcionam como formas de inscrever experiências pessoais e coletivas sobre os espaços escolares. As superfícies tornam-se arquivos silenciosos das vivências juvenis produzidas no interior da escola.

As pichações também revelam disputas relacionadas à memória e à permanência simbólica. Deixar uma marca sobre a parede representa tentativa de permanecer no espaço mesmo diante da transitoriedade das experiências escolares e urbanas. Muitos estudantes escrevem nomes, frases ou símbolos como maneira de registrar sua passagem pela instituição e afirmar que estiveram ali. As paredes tornam-se superfícies onde os sujeitos tentam resistir simbolicamente ao apagamento produzido pela rotina disciplinar da escola.

As tentativas institucionais de eliminar essas inscrições demonstram o incômodo diante das formas não autorizadas de ocupação simbólica do espaço. Paredes são repintadas, carteiras substituídas e estratégias de vigilância ampliadas para impedir novas marcas. Entretanto, a recorrência constante das pichações revela que os sujeitos continuam buscando maneiras de produzir linguagem e presença dentro da cidade e da escola.

As superfícies escritas mostram que os espaços coletivos nunca pertencem exclusivamente às instituições responsáveis por administrá-los. Crianças, jovens e grupos marginalizados também constroem relações simbólicas com esses ambientes, reinterpretando-os continuamente através da linguagem, da memória e da ocupação visual. As pichações tornam visível justamente essa disputa silenciosa pelo direito de existir simbolicamente sobre os territórios cotidianos.

Ao transformar paredes em superfícies de comunicação e resistência, os sujeitos revelam que as cidades e as escolas continuam sendo espaços profundamente atravessados por conflitos relacionados à linguagem, ao pertencimento e à visibilidade social. As pichações demonstram que as juventudes contemporâneas não ocupam passivamente os ambientes institucionais. Elas escrevem, desenham, reinventam e deixam marcas porque desejam produzir presença em um mundo que frequentemente tenta silenciá-las.

As paredes continuam sendo territórios disputados porque continuam sendo lugares onde os sujeitos procuram inscrever suas experiências, memórias e formas de existência. As pichações revelam que, mesmo diante da vigilância e do apagamento, as linguagens marginais persistem como tentativas de ocupar simbolicamente os espaços coletivos e afirmar que determinados sujeitos continuam desejando ser vistos, lembrados e escutados.

PARTE III

A ESCOLA PICHADA

CAPÍTULO

06 O COTIDIANO VISUAL DA ESCOLA PESQUISADA

As discussões desenvolvidas até aqui permitiram compreender as pichações como manifestações atravessadas por dimensões históricas, políticas, culturais e simbólicas. Entretanto, compreender plenamente essas inscrições exige aproximar o olhar do espaço concreto onde elas emergem cotidianamente. As paredes escritas não existem de maneira abstrata; elas fazem parte de ambientes específicos, produzidos por relações humanas, rotinas institucionais e experiências juvenis que atravessam diariamente o espaço escolar.

A escola pesquisada localiza-se em um município do interior do Piauí e atende estudantes do Ensino Fundamental. À primeira vista, apresenta características comuns a tantas outras instituições públicas brasileiras: corredores longos, salas organizadas em sequência, pátio central, banheiros, carteiras desgastadas pelo uso contínuo e paredes marcadas pelo tempo. Entretanto, ao percorrer mais atentamente esses espaços, torna-se possível perceber uma outra escola sobreposta à arquitetura institucional oficial. Entre marcas, desenhos, frases e inscrições espalhadas pelas superfícies, emerge um universo simbólico produzido pelos próprios estudantes.

As pichações presentes na escola não aparecem apenas em locais isolados ou escondidos. Elas ocupam corredores, portas, carteiras, janelas, muros e banheiros, transformando o ambiente escolar em uma grande superfície de linguagem juvenil. Algumas inscrições são discretas e quase imperceptíveis; outras ocupam espaços amplos e chamam imediatamente a atenção. Juntas, compõem uma paisagem visual marcada por múltiplas formas de escrita, expressão afetiva, humor, resistência e tentativa de pertencimento.

Mais do que sinais de deterioração física, essas marcas revelam que a escola é continuamente apropriada simbolicamente pelos estudantes. Os sujeitos não apenas frequentam o espaço institucional; eles o escrevem, desenham, reinterpretam e transformam por meio de pequenas intervenções cotidianas. As paredes da escola tornam-se superfícies onde aparecem fragmentos das experiências juvenis que raramente encontram espaço legítimo nos discursos pedagógicos formais.

Observar atentamente o cotidiano visual da escola permite compreender que as pichações não constituem fenômenos isolados ou ocasionais. Elas fazem parte da dinâmica cotidiana da instituição e revelam modos pelos quais crianças e jovens produzem presença simbólica dentro de um ambiente historicamente organizado pela disciplina e pela vigilância. As superfícies escolares passam a carregar marcas de afetos, conflitos, identidades e linguagens produzidas silenciosamente no interior da cultura escolar.

6.1 OS ESPAÇOS DA ESCOLA

A organização física da escola desempenha papel importante na construção das experiências vividas pelos estudantes. Corredores, salas de aula, banheiros, pátios e demais ambientes não funcionam apenas como estruturas arquitetônicas neutras; eles participam diretamente da produção das relações escolares, definindo formas de circulação, convivência e ocupação do espaço institucional. Cada ambiente carrega expectativas específicas de comportamento e diferentes níveis de vigilância sobre os sujeitos que o frequentam.

As salas de aula representam os espaços mais diretamente associados ao controle disciplinar da instituição. As carteiras organizadas em fileiras, o quadro à frente e a posição central ocupada pelo professor revelam uma estrutura espacial voltada à observação constante e à organização dos comportamentos estudantis. Entretanto, mesmo nesses ambientes marcados pela vigilância, aparecem inscrições espalhadas sobre mesas, paredes e cadeiras. Pequenos desenhos, nomes escritos discretamente e frases improvisadas revelam tentativas de produzir linguagem dentro de um espaço organizado para controlar as formas legítimas de expressão.

Os corredores da escola também possuem importância significativa na dinâmica das pichações. Diferentemente das salas de aula, esses espaços funcionam como áreas de circulação mais livre, onde os estudantes estabelecem interações menos rigidamente supervisionadas. As paredes dos corredores frequentemente concentram marcas produzidas rapidamente durante os intervalos ou momentos de deslocamento entre as aulas. As inscrições espalhadas nesses locais tornam visível a presença cotidiana das juventudes no interior da instituição.

Os banheiros aparecem como um dos espaços mais intensamente ocupados pelas pichações escolares. Em grande medida, isso ocorre porque representam ambientes relativamente afastados da vigilância direta exercida pelos professores e gestores. As paredes e portas dos banheiros carregam frases, desenhos, declarações afetivas, insultos, símbolos e diferentes formas de escrita produzidas pelos estudantes. Muitas dessas inscrições apresentam forte carga emocional, revelando aspectos das experiências juvenis que dificilmente apareceriam em outros espaços da escola.

As carteiras escolares também funcionam como importantes superfícies de inscrição simbólica. Nomes gravados, desenhos improvisados e frases escritas pelos estudantes acumulam-se ao longo do tempo, transformando os móveis escolares em arquivos silenciosos de diferentes gerações juvenis. Muitas vezes, as marcas deixadas por antigos alunos permanecem visíveis durante anos, criando uma espécie de memória material compartilhada dentro da escola.

O pátio escolar ocupa posição distinta nesse conjunto de espaços. Por funcionar como ambiente de convivência coletiva e maior circulação de estudantes, tende a concentrar menos inscrições detalhadas sobre superfícies específicas. Ainda assim, muros e bancos localizados próximos às áreas de convivência frequentemente apresentam marcas produzidas pelos estudantes, revelando tentativas de ocupação simbólica dos espaços destinados à sociabilidade juvenil.

A distribuição das pichações pela escola demonstra que diferentes ambientes institucionais oferecem possibilidades distintas de expressão e intervenção visual. Os estudantes observam, reinterpretam e utilizam os espaços de acordo com os níveis de vigilância, circulação e convivência existentes em cada ambiente. As inscrições revelam, assim, uma geografia simbólica da escola construída a partir das experiências cotidianas das juventudes.

Ao observar os diferentes espaços escolares atravessados pelas pichações, torna-se possível perceber que a escola não funciona apenas como cenário neutro das práticas educativas. Ela constitui território permanentemente apropriado, reinterpretado e transformado pelos sujeitos que a habitam diariamente. As paredes escritas revelam justamente essa dimensão viva e conflitante da experiência escolar.

6.2 AS MARCAS DEIXADAS PELOS ESTUDANTES

As pichações presentes na escola pesquisada revelam grande diversidade de formas, conteúdos e intenções expressivas. Entre nomes, desenhos, símbolos, frases poéticas, declarações afetivas, ironias e marcas aparentemente aleatórias, emerge um conjunto heterogêneo de inscrições que transforma as superfícies escolares em espaços de linguagem juvenil. Cada marca deixada pelos estudantes carrega vestígios de experiências cotidianas produzidas no interior da instituição.

Os nomes escritos sobre carteiras e paredes aparecem de maneira recorrente em diferentes ambientes da escola. Muitos estudantes registram seus próprios nomes, apelidos ou assinaturas como forma de afirmar presença simbólica dentro do espaço institucional. Essas inscrições frequentemente funcionam como tentativas de permanência e reconhecimento em um ambiente marcado pela transitoriedade das experiências escolares. Escrever o próprio nome sobre uma superfície pode representar o desejo de deixar rastros da própria existência na escola.

Além das assinaturas individuais, aparecem também nomes associados a vínculos afetivos e relações interpessoais. Declarações amorosas, iniciais acompanhadas por corações e frases dirigidas a colegas revelam dimensões emocionais importantes das experiências juvenis. As paredes da escola tornam-se superfícies onde afetos são inscritos de maneira silenciosa e, muitas vezes, anônima. Essas manifestações demonstram que a vida escolar ultrapassa amplamente os limites formais do ensino e da aprendizagem acadêmica.

Os desenhos espalhados pelas superfícies escolares também revelam aspectos importantes da criatividade juvenil. Rostos, personagens, símbolos abstratos, figuras geométricas e pequenas ilustrações aparecem em carteiras, cadernos e paredes, indicando tentativas de ocupar visualmente os espaços institucionais. Algumas dessas imagens parecem produzidas rapidamente e de maneira improvisada; outras apresentam maior elaboração gráfica e preocupação estética.

As frases escritas pelos estudantes revelam dimensões ainda mais complexas das experiências escolares. Algumas expressam humor e ironia, funcionando como brincadeiras compartilhadas entre colegas. Outras carregam sentimentos de tristeza, revolta ou solidão, revelando aspectos emocionais das vivências juvenis que raramente encontram espaço nas relações pedagógicas formais. Existem ainda inscrições que demonstram desejos de pertencimento, necessidade de reconhecimento ou simples vontade de deixar uma marca sobre o espaço escolar.

Muitas dessas inscrições coexistem sobre as mesmas superfícies, sobrepondo diferentes tempos e experiências juvenis. Uma carteira pode carregar nomes escritos por estudantes de anos distintos, frases parcialmente apagadas e desenhos acumulados ao longo do tempo. As paredes tornam-se arquivos vivos das múltiplas gerações que ocuparam a escola, revelando camadas sucessivas de linguagem e memória juvenil.

A presença constante dessas marcas demonstra que os estudantes estabelecem relações simbólicas intensas com os espaços escolares. Mesmo quando produzidas de maneira aparentemente impulsiva, as pichações revelam tentativas de transformar a escola em território de linguagem e expressão subjetiva. As superfícies deixam de funcionar apenas como estruturas materiais da instituição e passam a carregar sinais das experiências produzidas pelos sujeitos que circulam diariamente por esses ambientes.

As tentativas institucionais de apagar ou controlar essas inscrições raramente eliminam completamente as marcas deixadas pelos estudantes. Novas frases, desenhos e assinaturas continuam surgindo sobre paredes recém-pintadas ou carteiras substituídas, revelando que as pichações fazem parte de dinâmicas mais profundas relacionadas às formas pelas quais crianças e jovens ocupam simbolicamente o espaço escolar.

As marcas deixadas pelos estudantes revelam, assim, uma dimensão da escola frequentemente invisibilizada pelos discursos institucionais. Entre frases improvisadas, desenhos silenciosos e assinaturas anônimas, aparecem vestígios das experiências humanas que atravessam o cotidiano escolar para além dos currículos e das normas disciplinares.

6.3 A ESCOLA COMO SUPERFÍCIE SIMBÓLICA

A presença contínua das pichações permite compreender a escola não apenas como instituição pedagógica organizada por normas e estruturas formais, mas também como superfície simbólica permanentemente atravessada pelas experiências juvenis. As paredes escritas revelam que os sujeitos produzem relações afetivas, comunicacionais e identitárias com o espaço escolar, transformando-o em território de linguagem e memória coletiva.

As superfícies da escola deixam de funcionar apenas como elementos arquitetônicos neutros quando passam a carregar inscrições produzidas pelos estudantes. Corredores, carteiras, portas e banheiros tornam-se suportes materiais onde aparecem fragmentos das vivências juvenis, revelando conflitos, afetos, desejos de pertencimento e formas de resistência cotidiana. As pichações demonstram que os sujeitos procuram continuamente maneiras de inscrever suas experiências sobre os espaços que habitam.

Essa dimensão simbólica da escola torna-se particularmente evidente quando observamos a persistência das inscrições ao longo do tempo. Mesmo diante das tentativas constantes de apagamento institucional, novas marcas continuam surgindo sobre as superfícies escolares. Paredes repintadas voltam a receber inscrições, carteiras substituídas rapidamente acumulam novos desenhos e frases improvisadas reaparecem em diferentes ambientes da instituição. Esse movimento revela que as pichações não constituem acontecimentos isolados, mas práticas profundamente ligadas às experiências juvenis produzidas no cotidiano escolar.

As superfícies escritas também revelam disputas simbólicas relacionadas ao controle do espaço institucional. A escola busca preservar a aparência organizada e disciplinada de seus ambientes, enquanto os estudantes transformam esses mesmos espaços em territórios de linguagem e ocupação subjetiva. As pichações tornam visível justamente essa tensão entre ordem institucional e produção cotidiana de experiências juvenis.

Ao ocupar simbolicamente as paredes da escola, os estudantes afirmam que também participam da construção dos sentidos atribuídos à instituição. As inscrições espalhadas pelos corredores demonstram que crianças e jovens não apenas transitam passivamente pelo espaço escolar; eles deixam marcas, criam memórias e produzem formas próprias de presença simbólica dentro da escola.

A escola pesquisada pode ser compreendida, assim, como uma superfície continuamente escrita pelas experiências juvenis. Cada frase, desenho ou assinatura revela pequenas tentativas de romper o silêncio imposto pelas estruturas disciplinares da instituição. As paredes tornam-se lugares onde aparecem linguagens que escapam parcialmente às formas oficiais de comunicação pedagógica.

Essa dimensão simbólica também permite perceber que as pichações carregam temporalidades próprias. Algumas inscrições permanecem visíveis durante anos, acumulando novas intervenções e transformando-se em marcas quase permanentes da paisagem escolar. Outras desaparecem rapidamente sob tinta ou reformas institucionais, mas continuam sendo substituídas por novas marcas produzidas pelos estudantes. As superfícies escolares tornam-se espaços onde diferentes tempos juvenis coexistem através da escrita e da memória visual.

Compreender a escola como superfície simbólica exige deslocar o olhar para além das interpretações centradas exclusivamente na disciplina e no patrimônio físico. As paredes escritas mostram que os espaços escolares são atravessados por experiências humanas intensas que frequentemente permanecem invisíveis nos discursos oficiais da educação. As inscrições revelam desejos de existência, formas de pertencimento e tentativas de produzir linguagem dentro de uma instituição historicamente organizada pelo controle dos corpos e das formas legítimas de expressão.

As pichações demonstram que a escola nunca é ocupada apenas pelas estruturas institucionais que procuram administrá-la. Ela também é continuamente reinventada pelos sujeitos que a habitam. As paredes falam porque crianças e jovens continuam escrevendo sobre elas suas experiências, afetos, conflitos e maneiras de existir dentro do cotidiano escolar.

CAPÍTULO

07 PALAVRAS, FRASES E AFETOS NAS PICHAÇÕES ESCOLARES

As pichações presentes na escola pesquisada revelam muito mais do que simples marcas gráficas espalhadas pelas superfícies institucionais. Entre nomes, frases improvisadas, desenhos, símbolos e declarações anônimas, emerge um universo afetivo profundamente ligado às experiências juvenis produzidas no cotidiano escolar. As inscrições deixadas pelos estudantes carregam sentimentos, desejos, conflitos, inseguranças, formas de humor e tentativas de pertencimento que atravessam silenciosamente a vida dentro da escola.

Grande parte dessas manifestações surge de maneira aparentemente espontânea, escrita rapidamente sobre carteiras, paredes ou portas durante intervalos, momentos de distração ou pequenos instantes de ruptura na vigilância institucional. Entretanto, mesmo quando produzidas de forma improvisada, essas inscrições revelam dimensões subjetivas importantes das experiências estudantis. As superfícies da escola transformam-se em espaços onde aparecem emoções, vínculos e formas de expressão que raramente encontram reconhecimento legítimo nos discursos pedagógicos formais.

As palavras espalhadas pelos corredores e salas de aula demonstram que crianças e jovens utilizam a escrita não apenas como instrumento acadêmico, mas também como maneira de elaborar afetos e produzir presença simbólica dentro da instituição. As pichações revelam sujeitos que desejam ser vistos, lembrados e reconhecidos em um espaço frequentemente marcado pelo controle disciplinar e pela invisibilidade das subjetividades juvenis.

Ao observar atentamente essas inscrições, torna-se possível perceber que as paredes escolares carregam fragmentos de vidas cotidianas. Entre frases amorosas, marcas de revolta, brincadeiras e declarações silenciosas, aparecem vestígios das experiências humanas produzidas no interior da escola. As pichações tornam-se, assim, formas de linguagem afetiva que revelam aspectos profundos das relações juvenis contemporâneas.

7.1 ESCRITAS DO DESEJO

Grande parte das inscrições encontradas na escola pesquisada está relacionada à dimensão afetiva das experiências juvenis. Nomes acompanhados por corações, iniciais entrelaçadas, frases amorosas e declarações anônimas aparecem espalhados por carteiras, paredes e portas, revelando tentativas de transformar o espaço escolar em lugar de expressão emocional e construção de vínculos afetivos.

As juventudes vivenciam intensamente processos de descoberta afetiva, pertencimento e reconhecimento interpessoal, e a escola ocupa posição central nessas experiências. Muito além de espaço de aprendizagem formal, a instituição funciona como ambiente de convivência cotidiana onde amizades, desejos, conflitos emocionais e relações amorosas são continuamente produzidos. As pichações tornam visíveis essas dimensões afetivas que atravessam silenciosamente o cotidiano escolar.

Escrever o nome de alguém sobre a parede pode representar diferentes formas de elaboração emocional. Em alguns casos, as inscrições parecem funcionar como tentativas de aproximação afetiva ou demonstrações de carinho impossíveis de serem expressas diretamente. Em outros, aparecem como registros silenciosos de vínculos importantes para os estudantes. As superfícies escolares tornam-se espaços onde sentimentos são inscritos de maneira discreta, muitas vezes protegidos pelo anonimato.

As declarações amorosas espalhadas pela escola também revelam desejos de permanência simbólica. Ao registrar nomes, frases ou símbolos afetivos sobre carteiras e paredes, os estudantes procuram transformar experiências passageiras em marcas visíveis dentro do espaço institucional. Mesmo que as relações juvenis sejam atravessadas pela instabilidade típica dessa fase da vida, as inscrições demonstram tentativas de preservar afetos e produzir memórias compartilhadas.

Muitas frases revelam ainda a intensidade emocional característica das experiências juvenis. Declarações absolutas de amor, promessas, frases melancólicas e expressões de saudade aparecem de maneira recorrente nas inscrições escolares. As paredes tornam-se superfícies onde emoções são externalizadas em meio à rotina disciplinada da instituição. A escrita funciona, nesse contexto, como forma de elaboração subjetiva das experiências afetivas vividas pelos estudantes.

Os desejos expressos nas pichações não se limitam às relações amorosas. Algumas inscrições demonstram vontade de reconhecimento, necessidade de pertencimento e busca por visibilidade dentro da escola. Assinar repetidamente o próprio nome, desenhar símbolos pessoais ou ocupar determinadas superfícies pode representar o desejo de afirmar presença em um ambiente onde muitos estudantes se sentem pouco percebidos enquanto sujeitos singulares.

As escritas do desejo revelam, assim, uma dimensão profundamente humana das pichações escolares. As marcas espalhadas pelas superfícies institucionais demonstram que os estudantes procuram maneiras de expressar afetos, construir vínculos e produzir memória emocional dentro da escola. As paredes tornam-se lugares onde aparecem experiências subjetivas frequentemente invisibilizadas pelos discursos pedagógicos centrados exclusivamente no rendimento acadêmico e na disciplina escolar.

Ao observar essas inscrições, torna-se possível perceber que a escola não é atravessada apenas por conteúdos curriculares e normas institucionais. Ela também é habitada por desejos, afetos e formas de sensibilidade produzidas cotidianamente pelas juventudes que ocupam seus espaços.

7.2 MARCAS DE SOLIDÃO E REVOLTA

Ao lado das inscrições afetivas e das manifestações de humor, aparecem também frases carregadas de tristeza, angústia, revolta e sentimentos de inadequação diante da vida escolar e das relações sociais. Muitas pichações revelam experiências emocionais marcadas por solidão, desânimo e sensação de invisibilidade, tornando as paredes da escola superfícies onde conflitos subjetivos silenciosos passam a adquirir forma visível.

Algumas frases escritas pelos estudantes expressam explicitamente sofrimento emocional. Palavras relacionadas à tristeza, cansaço, abandono e desmotivação surgem de maneira fragmentada sobre carteiras, banheiros e corredores. Em muitos casos, essas inscrições aparecem acompanhadas de desenhos sombrios, símbolos melancólicos ou frases curtas carregadas de intensidade emocional. Mesmo produzidas de forma aparentemente simples, revelam aspectos importantes das experiências juvenis contemporâneas.

A escola, frequentemente apresentada como espaço de acolhimento e formação humana, também pode produzir sentimentos de exclusão e silenciamento. Muitos estudantes enfrentam dificuldades relacionadas ao reconhecimento de suas identidades, às relações interpessoais e às exigências institucionais impostas pela rotina escolar. As pichações tornam-se, nesse contexto, formas alternativas de externalizar emoções que não encontram espaço legítimo de escuta dentro da instituição.

As marcas de revolta também aparecem de maneira significativa nas inscrições escolares. Frases agressivas, ironias direcionadas à escola, palavrões e comentários provocativos revelam tensões existentes nas relações entre estudantes e instituição. Essas manifestações demonstram que as pichações podem funcionar como formas silenciosas de resistência diante das experiências de controle, vigilância e inadequação vividas pelos sujeitos no cotidiano escolar.

Em muitos casos, a agressividade presente nas inscrições parece menos relacionada à intenção de destruição material e mais vinculada à necessidade de produzir ruptura simbólica dentro do ambiente institucional. Escrever frases ofensivas sobre paredes ou carteiras pode representar tentativa de confrontar silenciosamente uma estrutura percebida como distante, autoritária ou incapaz de acolher determinadas experiências juvenis.

As inscrições também revelam conflitos relacionados às próprias relações entre os estudantes. Apelidos ofensivos, frases de exclusão e marcas de rivalidade demonstram que a escola é atravessada por tensões sociais e emocionais complexas. As paredes tornam-se espaços onde aparecem tanto vínculos afetivos quanto formas de violência simbólica produzidas no interior das culturas juvenis.

Entretanto, mesmo as inscrições mais agressivas ou melancólicas carregam importante dimensão comunicacional. As pichações demonstram que os estudantes desejam tornar visíveis determinadas emoções e experiências, ainda que isso ocorra através de linguagens marginais e não autorizadas institucionalmente. As superfícies escolares transformam-se em espaços de elaboração simbólica do sofrimento, da revolta e da sensação de invisibilidade vivida por muitos jovens.

As marcas de solidão presentes nas pichações revelam também o silêncio institucional diante das subjetividades juvenis. Muitas vezes, a escola concentra seus esforços na manutenção da disciplina e do rendimento acadêmico, mas encontra dificuldades para perceber as dimensões emocionais que atravessam a experiência estudantil. As inscrições espalhadas pelos corredores mostram justamente aquilo que permanece ausente das formas oficiais de comunicação escolar.

As paredes escritas tornam visíveis experiências emocionais frequentemente invisibilizadas pela rotina institucional. Ler essas marcas exige reconhecer que as juventudes contemporâneas produzem formas próprias de linguagem para expressar dores, conflitos e sentimentos de inadequação dentro dos espaços escolares. As pichações revelam sujeitos que continuam buscando maneiras de existir simbolicamente mesmo quando se sentem silenciados ou pouco reconhecidos pela instituição.

7.3 HUMOR, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE JUVENIL

As pichações escolares também são atravessadas por formas de humor, ironia e brincadeira produzidas coletivamente pelos estudantes. Muitas inscrições revelam tentativas de transformar o cotidiano disciplinado da escola em espaço de sociabilidade juvenil, onde a linguagem funciona como elemento de aproximação, reconhecimento e construção de vínculos coletivos. Entre frases engraçadas, apelidos, trocadilhos e desenhos caricatos, emerge uma dimensão lúdica das experiências estudantis frequentemente ignorada pelos discursos institucionais.

O humor ocupa papel importante nas culturas juvenis contemporâneas. Brincadeiras compartilhadas, ironias e códigos internos fortalecem relações de pertencimento entre os estudantes e produzem formas específicas de interação social dentro da escola. As pichações participam dessa dinâmica ao transformar superfícies institucionais em espaços de circulação de referências coletivas compreendidas principalmente pelos grupos juvenis que compartilham o cotidiano escolar.

Muitas frases escritas sobre paredes e carteiras parecem fazer sentido apenas para determinados grupos de estudantes. Expressões populares, piadas internas, apelidos e comentários irônicos funcionam como formas de comunicação compartilhada que reforçam vínculos coletivos entre aqueles que reconhecem os códigos presentes nas inscrições. As superfícies escolares tornam-se espaços onde circulam linguagens próprias das juventudes.

Os desenhos humorísticos também aparecem com frequência nas pichações escolares. Caricaturas de professores, personagens improvisados, figuras exageradas e símbolos engraçados demonstram que os estudantes utilizam a linguagem visual como forma de produzir leveza e ruptura diante da rotina disciplinar da instituição. Muitas dessas imagens revelam criatividade, senso crítico e formas específicas de interpretação do cotidiano escolar.

O humor presente nas pichações pode funcionar ainda como estratégia de resistência simbólica. Ao transformar regras, autoridades e situações escolares em objeto de ironia, os estudantes produzem pequenas rupturas na seriedade institucional que organiza a escola. As brincadeiras espalhadas pelas paredes demonstram que as juventudes reinventam continuamente maneiras de ocupar subjetivamente os espaços escolares.

As inscrições também revelam processos importantes de construção identitária. Assinaturas repetidas, símbolos específicos e estilos próprios de escrita demonstram tentativas de afirmar individualidade e pertencimento coletivo dentro do ambiente escolar. Muitos estudantes utilizam as pichações para criar formas particulares de reconhecimento visual entre colegas e grupos juvenis.

Os apelidos aparecem como elemento significativo nesse processo. Em muitos casos, substituem os nomes formais dos estudantes e passam a circular pelas superfícies escolares como marcas de identidade compartilhada. As paredes tornam-se espaços onde os sujeitos constroem versões alternativas de si mesmos, produzindo identidades juvenis que escapam parcialmente às classificações institucionais da escola.

As pichações revelam que a escola não é apenas espaço de controle disciplinar, mas também ambiente de intensa produção cultural juvenil. As brincadeiras, ironias e marcas de pertencimento espalhadas pelas superfícies demonstram que os estudantes constroem coletivamente formas próprias de linguagem, sociabilidade e ocupação simbólica do espaço escolar.

Mesmo quando consideradas inadequadas pela instituição, essas manifestações revelam a necessidade humana de produzir vínculos, reconhecimento e identidade coletiva dentro dos espaços compartilhados. As pichações mostram que as juventudes contemporâneas continuam criando maneiras de afirmar presença simbólica, construir pertencimento e transformar a escola em território de experiências afetivas e culturais próprias.

As palavras espalhadas pelas paredes da escola carregam muito mais do que sinais de indisciplina. Elas revelam afetos, dores, brincadeiras, desejos e formas de existência produzidas silenciosamente pelas juventudes no interior da cultura escolar. As superfícies escritas tornam-se, assim, arquivos vivos das experiências humanas que atravessam diariamente o cotidiano da escola.

CAPÍTULO

08 QUANDO A PICHAÇÃO SE APROXIMA DA ARTE

As pichações escolares costumam ser interpretadas prioritariamente a partir das ideias de indisciplina, depredação e desordem institucional. Entretanto, uma observação mais atenta das inscrições presentes nas paredes, carteiras e corredores permite perceber que muitas dessas manifestações carregam dimensões estéticas, criativas e expressivas que ultrapassam a simples intenção de deteriorar o espaço físico da escola. Desenhos elaborados, letras estilizadas, frases poéticas e composições visuais revelam tentativas de produzir linguagem estética dentro de um ambiente historicamente organizado pela disciplina e pelo controle das formas legítimas de expressão.

Isso não significa afirmar que toda pichação deve ser automaticamente reconhecida como obra de arte ou ignorar os conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos. A questão central consiste em compreender que determinadas manifestações juvenis frequentemente consideradas apenas como problemas disciplinares também podem carregar experiências criativas, formas de sensibilidade e processos de elaboração simbólica profundamente ligados às culturas juvenis contemporâneas.

As inscrições espalhadas pela escola revelam sujeitos que desejam produzir imagens, símbolos e formas próprias de linguagem visual dentro do cotidiano institucional. As superfícies escolares transformam-se em espaços onde aparecem tentativas de criação estética produzidas muitas vezes à margem das práticas pedagógicas formais. As juventudes desenham, escrevem, estilizam letras e reinventam visualmente os ambientes que habitam porque desejam participar simbolicamente da construção sensível do espaço escolar.

Ao aproximar a pichação da dimensão artística, torna-se possível perceber que as fronteiras entre arte, linguagem marginal e expressão juvenil são mais instáveis do que sugerem as interpretações centradas exclusivamente na criminalização dessas práticas. As paredes escritas revelam que os estudantes continuam buscando maneiras de produzir beleza, identidade visual e sensibilidade dentro de espaços profundamente atravessados por normas disciplinares e desigualdades de reconhecimento cultural.

8.1 POÉTICA DA ESCRITA MARGINAL

As pichações escolares frequentemente carregam elementos poéticos que permanecem invisíveis quando observados apenas a partir da lógica da disciplina institucional. Frases fragmentadas, palavras isoladas, desenhos improvisados e composições visuais espalhadas pelas superfícies da escola revelam formas de elaboração simbólica que aproximam essas inscrições de experiências estéticas e criativas produzidas pelas juventudes contemporâneas.

Muitas frases escritas pelos estudantes apresentam forte dimensão subjetiva e afetiva. Declarações silenciosas, reflexões breves, expressões melancólicas e pequenos versos improvisados surgem em meio às paredes da escola como tentativas de transformar emoções e experiências em linguagem visível. Mesmo quando produzidas rapidamente ou de maneira aparentemente espontânea, essas inscrições revelam sujeitos que utilizam a escrita como forma de expressão sensível dentro do cotidiano escolar.

A poética presente nas pichações não depende necessariamente de regras formais da literatura ou das artes visuais institucionalizadas. Ela emerge justamente da capacidade de produzir imagens, sentidos e emoções através de linguagens marginais e não autorizadas. Muitas inscrições escolares possuem intensidade estética porque carregam experiências humanas condensadas em frases curtas, símbolos improvisados ou desenhos aparentemente simples.

As letras estilizadas também participam dessa dimensão poética da escrita marginal. Muitos estudantes desenvolvem formas particulares de desenhar palavras, produzir assinaturas visuais e transformar a própria escrita em elemento gráfico. As palavras deixam de funcionar apenas como comunicação objetiva e passam a ocupar o espaço visual da escola como formas de expressão estética e afirmação identitária.

As pichações revelam ainda uma relação importante entre linguagem e presença simbólica. Escrever sobre a parede pode representar tentativa de permanecer no espaço, deixar rastros da própria existência e produzir memória dentro da instituição escolar. As superfícies tornam-se lugares onde os sujeitos procuram transformar experiências passageiras em marcas visíveis capazes de resistir temporariamente ao apagamento institucional.

A dimensão poética das pichações também aparece na maneira como diferentes inscrições dialogam entre si ao longo do tempo. Frases sobrepostas, desenhos parcialmente apagados e novas marcas produzidas sobre inscrições anteriores criam camadas visuais e simbólicas que transformam as paredes da escola em composições coletivas continuamente modificadas pelas experiências juvenis. As superfícies tornam-se textos abertos produzidos por múltiplos sujeitos em diferentes momentos da vida escolar.

Mesmo as inscrições mais simples carregam potencial expressivo importante quando observadas a partir das experiências humanas que as atravessam. Um nome escrito discretamente sobre uma carteira, um coração desenhado no canto da parede ou uma frase curta rabiscada no banheiro podem revelar desejos de pertencimento, afetos silenciosos e tentativas de produzir presença simbólica dentro do espaço institucional.

A poética da escrita marginal demonstra que as juventudes continuam criando formas próprias de linguagem estética mesmo quando não encontram reconhecimento institucional para suas manifestações. As pichações revelam sujeitos que produzem sensibilidade, emoção e expressão visual dentro de um ambiente frequentemente organizado apenas pela lógica da disciplina e do rendimento acadêmico.

8.2 SENSIBILIDADE ESTÉTICA E CRIAÇÃO ESTUDANTIL

As pichações escolares revelam que crianças e jovens produzem continuamente experiências estéticas dentro do cotidiano institucional, mesmo quando essas manifestações não são reconhecidas como legítimas pela escola. Desenhos, composições gráficas, letras elaboradas e formas de ocupação visual das superfícies demonstram que os estudantes estabelecem relações criativas com os espaços que habitam diariamente.

Grande parte das práticas pedagógicas escolares associa a produção artística a atividades formalmente organizadas dentro das disciplinas específicas ou dos projetos institucionais autorizados. Entretanto, as inscrições espalhadas pelos corredores e carteiras demonstram que a sensibilidade estética juvenil ultrapassa amplamente os limites das práticas artísticas oficialmente reconhecidas pela escola. Os estudantes produzem imagens, símbolos e formas de linguagem visual também nos espaços marginais da instituição.

Os desenhos presentes nas pichações revelam criatividade, imaginação e experimentação visual. Personagens improvisados, símbolos abstratos, caricaturas e composições gráficas demonstram que muitos estudantes utilizam as superfícies escolares como espaços de criação estética cotidiana. Algumas imagens aparecem de maneira rápida e espontânea; outras revelam maior elaboração visual e cuidado com formas, proporções e estilos gráficos específicos.

As letras estilizadas constituem outro elemento importante dessa produção estética juvenil. Muitos estudantes transformam a escrita em experiência visual, criando assinaturas, símbolos e formas gráficas próprias que circulam pelos espaços escolares. A escrita deixa de funcionar apenas como instrumento acadêmico e passa a ocupar também dimensão estética relacionada à construção de identidade e pertencimento coletivo.

As pichações revelam ainda que a criação estética pode surgir em contextos profundamente atravessados pela disciplina e pela vigilância. Mesmo em um ambiente institucional organizado pelo controle dos comportamentos e das formas legítimas de expressão, os estudantes encontram maneiras de produzir imagens e linguagens próprias sobre as superfícies da escola. As inscrições tornam-se pequenas rupturas visuais dentro da aparência disciplinada do espaço escolar.

A escola, entretanto, frequentemente encontra dificuldades para reconhecer essas manifestações como formas legítimas de sensibilidade estética. Grande parte das inscrições é imediatamente associada à ideia de indisciplina e degradação do patrimônio institucional, independentemente de suas características criativas ou expressivas. Nesse processo, experiências importantes de produção simbólica juvenil acabam invisibilizadas pelas práticas disciplinares da instituição.

Isso revela uma contradição significativa presente no ambiente escolar. Ao mesmo tempo em que a escola afirma valorizar criatividade, expressão artística e desenvolvimento sensível, muitas manifestações estéticas produzidas espontaneamente pelos estudantes são rapidamente reprimidas ou apagadas por não se adequarem às formas institucionais autorizadas de produção artística.

As pichações demonstram que as juventudes desejam participar da construção visual e simbólica do espaço escolar. As superfícies escritas revelam sujeitos que procuram transformar o ambiente institucional em território também atravessado por suas próprias linguagens, sensibilidades e experiências estéticas. As paredes tornam-se

lugares onde aparecem formas alternativas de criação produzidas à margem dos circuitos pedagógicos oficiais.

Compreender essas manifestações exige reconhecer que a produção estética não se limita aos espaços formais da arte legitimada institucionalmente. As pichações escolares revelam experiências criativas construídas silenciosamente pelas juventudes no interior do cotidiano escolar. As inscrições demonstram que os estudantes continuam produzindo imagens, linguagem visual e sensibilidade mesmo dentro de estruturas organizadas pela vigilância e pelo controle dos corpos.

8.3 ARTE, AUTORIA E INVISIBILIDADE

Grande parte das manifestações visuais produzidas pelos estudantes permanece marcada pelo anonimato e pela invisibilidade institucional. Mesmo quando demonstram criatividade, elaboração estética e forte potencial expressivo, as pichações raramente recebem reconhecimento como formas legítimas de produção cultural dentro da escola. Os sujeitos que desenham, escrevem e transformam visualmente as superfícies escolares permanecem frequentemente reduzidos à condição de alunos indisciplinados ou responsáveis pela deterioração do patrimônio público.

Essa invisibilidade revela dimensões importantes das relações entre arte, autoria e reconhecimento cultural. Nas sociedades contemporâneas, determinadas produções visuais tornam-se reconhecidas como arte porque circulam por instituições legitimadas — galerias, museus, projetos culturais e espaços oficiais de valorização estética. Outras manifestações, sobretudo aquelas produzidas por sujeitos marginalizados ou fora dos circuitos institucionais, permanecem excluídas das formas legítimas de reconhecimento artístico.

As pichações escolares situam-se justamente nesse campo de tensão. Muitos estudantes produzem desenhos elaborados, letras estilizadas e composições visuais que demonstram criatividade e experimentação estética, mas essas manifestações dificilmente são percebidas pela escola como experiências artísticas legítimas. O olhar institucional tende a enxergar primeiro a infração disciplinar e apenas raramente reconhece a dimensão criativa presente nas inscrições.

A questão da autoria também assume características específicas nesse contexto. Diferentemente das obras artísticas tradicionais, as pichações geralmente circulam sem identificação formal dos sujeitos que as produziram. O anonimato protege os estudantes diante das punições institucionais, mas também contribui para invisibilizar suas experiências criativas. As marcas permanecem sobre as paredes enquanto seus autores continuam desconhecidos, silenciosos ou reduzidos à condição genérica de “alunos que vandalizam a escola”.

Entretanto, mesmo sem reconhecimento institucional, os estudantes frequentemente constroem formas próprias de autoria simbólica dentro das culturas juvenis escolares. Assinaturas repetidas, estilos gráficos específicos e símbolos compartilhados funcionam como maneiras de produzir identidade visual e reconhecimento coletivo entre os grupos estudantis. Muitas inscrições tornam-se conhecidas dentro da escola não pelo nome civil de seus autores, mas pelos códigos visuais construídos nas relações juvenis cotidianas.

As pichações revelam ainda que a produção artística não depende necessariamente de legitimidade institucional para existir. As juventudes continuam criando imagens, símbolos e linguagens visuais porque desejam produzir presença estética dentro dos espaços que habitam. As superfícies escolares tornam-se territórios onde aparecem formas marginais de criação frequentemente ignoradas pelas estruturas formais da cultura e da educação.

A invisibilidade dessas produções também evidencia limites importantes das práticas pedagógicas contemporâneas. Muitas vezes, a escola concentra-se na transmissão de conteúdos formais e na manutenção da disciplina, mas encontra dificuldades para perceber as experiências criativas produzidas espontaneamente pelos estudantes fora dos espaços institucionalmente autorizados. As pichações demonstram justamente que a sensibilidade estética juvenil continua existindo mesmo quando não encontra reconhecimento pedagógico legítimo.

Isso não significa transformar toda inscrição escolar em obra de arte ou ignorar os conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos. A questão central consiste em reconhecer que as pichações carregam dimensões criativas, afetivas e simbólicas que ultrapassam interpretações simplificadoras centradas exclusivamente na punição e no vandalismo.

As paredes escritas mostram que crianças e jovens continuam buscando maneiras de produzir linguagem visual, afirmar presença simbólica e participar da construção estética do espaço escolar. Mesmo invisibilizadas institucionalmente, essas manifestações revelam sujeitos que desejam criar, comunicar e deixar marcas de suas experiências sobre os ambientes que atravessam suas vidas cotidianas.

Ao aproximar as pichações da dimensão artística, torna-se possível perceber que as escolas são atravessadas por experiências estéticas muito mais complexas do que sugerem os discursos pedagógicos tradicionais. As inscrições espalhadas pelos corredores revelam formas silenciosas de criação produzidas pelas juventudes dentro de um espaço historicamente organizado pelo controle disciplinar e pela administração das formas legítimas de expressão.

PARTE IV

EDUCAÇÃO, ESCUTA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

CAPÍTULO

09 O QUE A ESCOLA NÃO CONSEGUE ESCUTAR

As pichações escolares revelam dimensões da experiência juvenil que frequentemente permanecem invisíveis no cotidiano institucional da escola. Ao longo desta obra, tornou-se possível perceber que as inscrições espalhadas pelas paredes, carteiras e corredores ultrapassam amplamente a condição de simples atos de indisciplina ou deterioração material. Elas carregam afetos, tensões, desejos de pertencimento, formas de resistência e experiências subjetivas produzidas por crianças e jovens dentro de uma instituição historicamente organizada pelo controle disciplinar e pela normalização dos comportamentos.

Entretanto, a presença constante dessas marcas também revela algo ainda mais profundo: a dificuldade da escola em escutar determinadas linguagens juvenis. Muitas inscrições aparecem justamente porque os estudantes encontram poucos espaços legítimos para expressar sentimentos, conflitos e formas próprias de interpretação da vida escolar. As paredes tornam-se superfícies onde surgem vozes silenciosas que não conseguem circular plenamente através dos canais institucionais formais.

A escola contemporânea frequentemente concentra seus esforços na administração dos currículos, no cumprimento de metas pedagógicas e na manutenção da ordem institucional. Nesse processo, dimensões importantes das experiências estudantis acabam deslocadas para as margens da vida escolar. Afetos, sofrimentos, inseguranças, desejos e formas alternativas de linguagem muitas vezes não encontram acolhimento nas relações pedagógicas tradicionais, fazendo com que os estudantes busquem outros modos de produzir presença simbólica dentro da instituição.

As pichações revelam justamente essas tentativas de romper o silêncio institucional. Ao escrever sobre as superfícies da escola, os estudantes tornam visíveis experiências que dificilmente apareceriam em avaliações, planejamentos pedagógicos ou discursos oficiais da educação. As paredes escritas mostram que existe uma dimensão da vida escolar que insiste em aparecer mesmo quando não encontra espaço legítimo de escuta.

Compreender aquilo que a escola não consegue escutar exige deslocar o olhar para além das interpretações centradas exclusivamente na disciplina e no controle dos comportamentos. Significa reconhecer que as juventudes produzem linguagens próprias para elaborar experiências afetivas, conflitos sociais e formas de resistência cotidiana dentro do ambiente escolar. As pichações revelam justamente a existência dessas vozes marginais que continuam tentando produzir sentido e presença em um espaço historicamente marcado pela vigilância institucional.

9.1 AS PICHAÇÕES COMO DENÚNCIA SILENCIOSA

As pichações escolares podem ser compreendidas como formas silenciosas de denúncia produzidas pelas juventudes no interior da instituição escolar. Muitas inscrições espalhadas pelas paredes carregam indícios de sofrimento emocional, sentimentos de inadequação, revolta, necessidade de reconhecimento e experiências de invisibilidade que dificilmente encontram espaço legítimo nos discursos pedagógicos formais. As superfícies escritas tornam-se lugares onde determinados conflitos da vida escolar emergem de maneira indireta, fragmentada e frequentemente anônima.

Grande parte dessas denúncias não aparece através de frases explicitamente políticas ou reivindicatórias. Muitas vezes, manifesta-se por meio de pequenas inscrições carregadas de tristeza, ironia ou descontentamento diante das relações vividas dentro da escola. Frases melancólicas, palavras agressivas, desenhos sombrios e comentários provocativos revelam experiências emocionais que permanecem silenciadas na rotina institucional.

As pichações demonstram que muitos estudantes experimentam a escola como espaço de tensão e dificuldade de pertencimento. Apesar de frequentarem diariamente a instituição, diversos jovens sentem-se pouco reconhecidos enquanto sujeitos singulares, sendo percebidos prioritariamente a partir do desempenho acadêmico ou da adequação às normas disciplinares. As inscrições tornam-se, assim, formas alternativas de afirmar existência e produzir visibilidade dentro de um ambiente onde muitos estudantes se sentem invisíveis.

As denúncias presentes nas pichações também revelam conflitos relacionados às relações de poder que atravessam o cotidiano escolar. Comentários ofensivos direcionados à instituição, ironias sobre professores ou frases marcadas por revolta silenciosa demonstram tensões produzidas pelas estruturas hierárquicas da escola. Muitas dessas manifestações parecem menos orientadas pela intenção de destruir o espaço físico e mais vinculadas à necessidade de expressar insatisfação diante de experiências de controle e silenciamento institucional.

As superfícies da escola passam a carregar aquilo que não consegue circular plenamente através das formas oficiais de comunicação pedagógica. Enquanto reuniões, avaliações e planejamentos organizam os discursos institucionalizados da educação, as paredes escritas revelam experiências subjetivas produzidas silenciosamente pelas juventudes. As pichações tornam-se arquivos marginais das emoções, conflitos e formas de resistência presentes no cotidiano escolar.

A insistência dos estudantes em continuar escrevendo sobre as superfícies da escola mesmo diante das tentativas permanentes de apagamento institucional demonstra que essas manifestações respondem a necessidades simbólicas profundas. As inscrições persistem porque representam formas de linguagem capazes de tornar visíveis experiências que frequentemente permanecem sem escuta dentro da instituição.

As pichações também revelam limitações importantes das práticas escolares centradas exclusivamente na disciplina e no rendimento acadêmico. Muitas vezes, a escola concentra-se na administração dos comportamentos e dos conteúdos curriculares, mas encontra dificuldades para perceber os sinais emocionais e subjetivos produzidos pelos estudantes em seu cotidiano. As paredes escritas mostram justamente aquilo que escapa aos mecanismos formais de observação institucional.

Compreender as pichações como denúncias silenciosas não significa romantizar todas as manifestações presentes nas superfícies escolares. Significa reconhecer que essas inscrições carregam experiências humanas que precisam ser interpretadas criticamente, e não apenas reprimidas ou apagadas. As paredes falam porque muitos estudantes continuam encontrando nelas uma das poucas possibilidades de expressar sentimentos, conflitos e formas de existência que permanecem invisíveis dentro da escola.

9.2 RELAÇÕES ESCOLARES E PRODUÇÃO DO CONFLITO

A escola é atravessada por relações humanas complexas que envolvem afetos, disputas de poder, expectativas institucionais e diferentes formas de convivência cotidiana. Embora frequentemente apresentada como espaço de formação harmoniosa e desenvolvimento coletivo, a vida escolar é marcada por tensões permanentes produzidas pelas desigualdades sociais, pelos mecanismos de controle institucional e pelas dificuldades de reconhecimento das subjetividades juvenis. As pichações revelam justamente a existência desses conflitos muitas vezes silenciados pela organização formal da instituição.

Grande parte das tensões escolares decorre da própria estrutura hierárquica que organiza as relações entre professores, gestores e estudantes. A escola moderna consolidou-se historicamente a partir de mecanismos disciplinares destinados à administração dos corpos e dos comportamentos juvenis. Horários rígidos, vigilância constante, normas de conduta e sistemas de avaliação estruturam o cotidiano institucional e produzem relações frequentemente marcadas pela assimetria entre autoridade e obediência.

As juventudes contemporâneas, entretanto, produzem formas próprias de linguagem, sociabilidade e interpretação da realidade escolar que nem sempre se ajustam às expectativas institucionais. Muitos estudantes experimentam dificuldades para encontrar espaços legítimos de participação e escuta dentro da escola, fazendo com que determinadas formas de resistência e contestação emerjam através de práticas marginais como as pichações.

As inscrições espalhadas pelas superfícies escolares revelam conflitos relacionados tanto às relações institucionais quanto às interações entre os próprios estudantes. Frases ofensivas, apelidos, ironias e comentários provocativos demonstram que a escola constitui espaço profundamente atravessado por disputas simbólicas e emocionais. As paredes tornam-se lugares onde aparecem rivalidades, tensões afetivas e formas de violência simbólica produzidas no cotidiano juvenil.

Ao mesmo tempo, as pichações também podem ser compreendidas como tentativas de elaborar simbolicamente os conflitos vividos dentro da instituição. Muitos estudantes utilizam a escrita para externalizar sentimentos de frustração, raiva ou inadequação diante das experiências escolares. As superfícies tornam-se espaços onde emoções difíceis de serem verbalizadas diretamente encontram formas alternativas de expressão.

A resposta institucional a essas manifestações costuma ocorrer prioritariamente através da lógica disciplinar. Paredes são repintadas, estudantes advertidos e novas estratégias de vigilância implementadas para impedir o reaparecimento das inscrições. Entretanto, essas medidas frequentemente atuam apenas sobre os efeitos visíveis das pichações sem enfrentar os conflitos subjetivos e relacionais que atravessam sua produção cotidiana.

As pichações demonstram que o conflito faz parte da experiência escolar e não pode ser compreendido apenas como desvio ou falha disciplinar. As juventudes produzem tensões porque habitam um espaço marcado por disputas relacionadas à autoridade, ao reconhecimento, ao pertencimento e às formas legítimas de expressão. As inscrições revelam justamente aquilo que permanece reprimido ou pouco elaborado nas relações institucionais da escola.

Muitas vezes, os conflitos presentes nas pichações expressam também dificuldades mais amplas relacionadas às condições sociais e emocionais vividas pelos estudantes fora da instituição escolar. Desigualdades econômicas, experiências familiares complexas, inseguranças afetivas e sentimentos de exclusão atravessam profundamente a vida juvenil e aparecem de maneira indireta nas inscrições espalhadas pelas superfícies escolares.

Compreender as pichações exige, portanto, reconhecer que a escola não produz apenas aprendizagem formal e socialização disciplinada. Ela também constitui espaço onde conflitos humanos intensos são vividos diariamente pelas juventudes. As paredes escritas revelam justamente os rastros dessas tensões que insistem em aparecer mesmo diante das tentativas permanentes de controle institucional.

9.3 A ESCOLA DIANTE DA DIFERENÇA

A escola contemporânea enfrenta desafios significativos relacionados ao reconhecimento das diferenças culturais, afetivas, sociais e subjetivas presentes no cotidiano juvenil. Embora os discursos educacionais frequentemente defendam inclusão, diversidade e valorização das singularidades, muitas práticas escolares continuam organizadas a partir de modelos homogêneos de comportamento, linguagem e participação institucional. Nesse contexto, diferentes formas de expressão produzidas pelas juventudes acabam deslocadas para as margens da vida escolar.

As pichações revelam justamente a dificuldade da instituição em lidar com linguagens que escapam aos padrões considerados legítimos pela cultura escolar formal. As inscrições produzidas pelos estudantes carregam códigos próprios, referências juvenis, estilos visuais específicos e formas alternativas de comunicação que muitas vezes não encontram reconhecimento institucional. A escola tende a interpretar essas manifestações prioritariamente como problemas disciplinares, ignorando as dimensões culturais e subjetivas presentes nas inscrições.

A dificuldade de acolher determinadas formas de linguagem relaciona-se também às maneiras pelas quais a escola historicamente organizou seus mecanismos de normalização. Durante muito tempo, a instituição escolar buscou produzir sujeitos ajustados a determinados padrões de comportamento, racionalidade e expressão socialmente valorizados. Tudo aquilo que escapava a essas normas frequentemente era percebido como inadequação, desordem ou ameaça à estabilidade institucional.

As juventudes contemporâneas, entretanto, produzem formas de existência profundamente marcadas pela pluralidade de referências culturais, linguagens visuais e experiências subjetivas. Crianças e jovens constroem identidades atravessadas por mídias digitais, culturas urbanas, humor, experimentação estética e novas formas de sociabilidade que nem sempre encontram espaço legítimo dentro da organização tradicional da escola.

As pichações tornam-se manifestações importantes dessa diferença juvenil que insiste em aparecer sobre as superfícies escolares. As paredes escritas revelam sujeitos que desejam produzir linguagem própria, afirmar presença simbólica e participar da construção cultural do espaço institucional. As inscrições demonstram que os estudantes não ocupam a escola apenas como receptores passivos das normas pedagógicas; eles também criam, reinterpretam e transformam continuamente os ambientes que habitam.

A dificuldade da escola em lidar com essas manifestações revela limites importantes das práticas educativas centradas exclusivamente na disciplina e na padronização dos comportamentos. Muitas vezes, a instituição procura eliminar rapidamente tudo aquilo que rompe a aparência organizada e homogênea do espaço escolar, sem perceber que determinadas inscrições carregam experiências subjetivas e culturais importantes para os estudantes.

Isso não significa defender a ausência de regras ou ignorar os conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos. A questão central consiste em compreender que as juventudes produzem formas próprias de expressão que precisam ser interpretadas criticamente, e não apenas reprimidas através da lógica disciplinar. As pichações mostram que existe uma dimensão da vida juvenil contemporânea que continua buscando reconhecimento dentro da escola.

As inscrições espalhadas pelas superfícies institucionais revelam também a necessidade de construir práticas pedagógicas mais sensíveis às múltiplas formas de linguagem produzidas pelos estudantes. Escutar aquilo que aparece nas paredes da escola significa reconhecer que as juventudes possuem experiências, afetos e modos de existência que não podem ser reduzidos apenas às categorias tradicionais da disciplina escolar.

As pichações demonstram que as diferenças continuam produzindo tensões dentro da instituição porque desafiam modelos homogêneos de comportamento e expressão. As paredes escritas revelam sujeitos que insistem em existir simbolicamente mesmo quando suas linguagens permanecem pouco compreendidas pela escola.

Ao observar atentamente essas manifestações, torna-se possível perceber que as juventudes contemporâneas não desejam apenas ocupar fisicamente os espaços escolares. Elas também procuram participar da construção simbólica da escola, deixando marcas, produzindo linguagem e afirmando formas próprias de presença dentro da instituição. As pichações tornam visível justamente essa tentativa de romper o silêncio e afirmar existência diante de uma escola que, muitas vezes, ainda encontra dificuldades para escutar plenamente as diferenças que atravessam seu cotidiano.

CAPÍTULO

10 PARA ALÉM DA PUNIÇÃO

As pichações escolares costumam ser enfrentadas pelas instituições de ensino prioritariamente através da lógica da repressão e do apagamento. Paredes são repintadas, estudantes advertidos, sistemas de vigilância ampliados e novas normas disciplinares implementadas na tentativa de impedir que as inscrições reapareçam sobre as superfícies da escola. Entretanto, apesar dessas medidas, as marcas continuam surgindo cotidianamente, revelando que as pichações não correspondem apenas a comportamentos isolados de indisciplina, mas fazem parte de experiências subjetivas e culturais mais profundas produzidas pelas juventudes no interior da instituição escolar.

Ao longo desta obra, tornou-se possível perceber que as inscrições espalhadas pelas paredes carregam afetos, conflitos, desejos de pertencimento, formas de resistência e tentativas de produzir linguagem dentro de um espaço historicamente organizado pela vigilância e pelo controle dos corpos. As pichações revelam sujeitos que procuram maneiras de existir simbolicamente na escola mesmo quando não encontram espaços legítimos de escuta e expressão.

Nesse sentido, enfrentar as pichações apenas por meio da punição significa atuar sobre os efeitos visíveis das inscrições sem compreender plenamente os processos subjetivos, culturais e relacionais que atravessam sua produção cotidiana. A repressão pode eliminar temporariamente determinadas marcas das superfícies escolares, mas dificilmente elimina as experiências juvenis que continuam produzindo necessidade de linguagem, pertencimento e visibilidade dentro da instituição.

Pensar caminhos para além da punição exige deslocar o olhar sobre as pichações escolares. Em vez de compreendê-las exclusivamente como ameaça à ordem institucional, torna-se necessário reconhecê-las também como sinais das tensões, afetos e formas de comunicação produzidas pelas juventudes contemporâneas. Isso não implica legitimar indiscriminadamente todas as inscrições presentes na escola, mas construir modos mais sensíveis e críticos de interpretar aquilo que as paredes revelam sobre a vida escolar.

As pichações mostram que crianças e jovens desejam participar simbolicamente da construção dos espaços que habitam. As superfícies escritas revelam sujeitos que procuram produzir linguagem, memória e reconhecimento dentro da escola. Escutar essas manifestações pode abrir possibilidades importantes para repensar as relações pedagógicas, os modos de convivência institucional e as formas pelas quais a escola acolhe — ou silencia — as experiências juvenis contemporâneas.

10.1 EDUCAÇÃO ESTÉTICA E DIÁLOGO

A escola moderna historicamente privilegiou formas de racionalidade voltadas ao controle disciplinar, à transmissão de conteúdos e à organização dos comportamentos estudantis. Entretanto, as experiências humanas produzidas no cotidiano escolar ultrapassam amplamente os limites da aprendizagem formal. Crianças e jovens constroem relações afetivas, simbólicas e sensíveis com os espaços que habitam, produzindo continuamente formas próprias de linguagem, criação estética e expressão subjetiva.

As pichações revelam justamente essa dimensão sensível frequentemente invisibilizada pelas práticas pedagógicas tradicionais. Desenhos, frases poéticas, letras estilizadas e inscrições afetivas demonstram que os estudantes desejam produzir imagens, símbolos e formas de expressão visual dentro da escola. As superfícies escritas mostram que existe uma necessidade de linguagem estética atravessando as experiências juvenis no interior da instituição.

Nesse contexto, pensar uma educação estética significa reconhecer que os sujeitos aprendem e produzem sentidos também através das experiências sensíveis, emocionais e simbólicas. A escola não pode limitar-se apenas à administração dos conteúdos curriculares e da disciplina institucional. Ela precisa criar condições para que crianças e jovens encontrem espaços legítimos de expressão, imaginação e produção cultural dentro do ambiente escolar.

O diálogo ocupa papel central nesse processo. Muitas pichações aparecem justamente porque os estudantes não encontram formas efetivas de participação e escuta na dinâmica institucional da escola. As paredes tornam-se espaços alternativos de comunicação quando as relações pedagógicas não conseguem acolher plenamente as subjetividades juvenis. Construir práticas dialógicas significa reconhecer os estudantes como sujeitos produtores de linguagem e experiência social, e não apenas como receptores passivos das normas escolares.

As práticas educativas baseadas exclusivamente na repressão tendem a fortalecer ainda mais os processos de silenciamento juvenil. Quando a escola responde às pichações apenas através do apagamento e da punição, elimina não apenas a inscrição material sobre a parede, mas também a possibilidade de compreender aquilo que essas marcas comunicam sobre a experiência estudantil. O diálogo exige justamente a disposição de escutar as linguagens que emergem nas margens da institucionalidade pedagógica.

Uma educação estética comprometida com a escuta das juventudes não significa transformar a escola em espaço sem regras ou ausência de limites coletivos. Significa construir relações pedagógicas capazes de reconhecer que os estudantes possuem necessidades de expressão, pertencimento e criação simbólica que precisam encontrar formas legítimas de circulação dentro da instituição. As pichações demonstram que essas demandas continuam existindo mesmo quando permanecem pouco reconhecidas pelas práticas escolares tradicionais.

As experiências artísticas e culturais podem desempenhar papel importante nesse processo. Oficinas de criação visual, espaços de produção coletiva, debates sobre cultura urbana e práticas pedagógicas relacionadas à linguagem estética podem ampliar as possibilidades de participação juvenil dentro da escola. Entretanto, essas iniciativas só se tornam efetivamente significativas quando articuladas a relações pedagógicas marcadas pela escuta e pelo reconhecimento das subjetividades estudantis.

As paredes escritas revelam que as juventudes desejam produzir sensibilidade e linguagem dentro do cotidiano escolar. Escutar essas manifestações exige compreender que a educação não se limita apenas à transmissão de conhecimentos formais, mas envolve também a construção de espaços humanos onde os sujeitos possam existir simbolicamente, produzir experiências estéticas e sentir-se reconhecidos em suas formas de expressão.

10.2 A LEITURA PEDAGÓGICA DAS PICHAÇÕES

As pichações escolares podem ser interpretadas pedagogicamente não apenas como problemas disciplinares, mas como manifestações que revelam aspectos importantes das experiências juvenis produzidas no interior da escola. Ler as inscrições presentes nas paredes significa compreender que elas carregam sinais das relações afetivas, tensões institucionais, necessidades de pertencimento e formas de linguagem construídas cotidianamente pelos estudantes.

Essa leitura pedagógica exige deslocar o olhar tradicional que reduz as pichações exclusivamente à ideia de vandalismo ou indisciplina. Embora as inscrições realmente envolvam conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos, elas também funcionam como formas de comunicação produzidas pelas juventudes dentro de um ambiente marcado pela vigilância e pela administração das formas legítimas de expressão.

As frases espalhadas pelas paredes podem revelar sentimentos de invisibilidade, tristeza, revolta, desejo afetivo e necessidade de reconhecimento. Os desenhos e símbolos presentes nas superfícies escolares demonstram criatividade, produção estética e tentativas de participação simbólica na construção do espaço institucional. As assinaturas repetidas revelam desejos de permanência e afirmação identitária dentro da escola. Ler pedagogicamente essas marcas significa reconhecer que elas expressam dimensões subjetivas importantes da experiência estudantil.

A escola frequentemente encontra dificuldades para perceber essas manifestações porque grande parte de suas práticas continua organizada prioritariamente pela lógica da disciplina e do rendimento acadêmico. Nesse contexto, tudo aquilo que rompe a aparência organizada do ambiente escolar tende a ser rapidamente interpretado como ameaça à ordem institucional. As pichações tornam-se, assim, problemas a serem eliminados e não experiências a serem compreendidas criticamente.

Entretanto, as inscrições espalhadas pela escola podem funcionar como importantes indicadores das relações humanas produzidas no cotidiano institucional. Paredes constantemente ocupadas por frases agressivas, desenhos melancólicos ou marcas de revolta silenciosa talvez revelem tensões emocionais e dificuldades de pertencimento vividas pelos estudantes. Da mesma forma, manifestações humorísticas, desenhos criativos e mensagens afetivas indicam formas de sociabilidade e elaboração simbólica presentes na cultura juvenil escolar.

A leitura pedagógica das pichações também pode contribuir para ampliar as possibilidades de diálogo entre escola e estudantes. Em vez de atuar exclusivamente através da punição, a instituição pode construir espaços de escuta e reflexão sobre aquilo que aparece nas superfícies escolares. Debates sobre linguagem juvenil, cultura visual, pertencimento e experiências afetivas podem transformar as inscrições em pontos de partida para discussões pedagógicas mais amplas sobre convivência, expressão e subjetividade.

Isso não significa incentivar a produção indiscriminada de pichações ou abandonar os cuidados relacionados ao patrimônio coletivo da escola. A questão central consiste em compreender que as manifestações juvenis precisam ser interpretadas para além das respostas exclusivamente repressivas. As inscrições revelam sujeitos que continuam buscando maneiras de existir simbolicamente dentro da instituição, e ignorar completamente essas linguagens significa ampliar ainda mais os processos de silenciamento estudantil.

A leitura pedagógica das pichações exige também sensibilidade para reconhecer que as juventudes produzem formas próprias de linguagem muitas vezes distantes dos modelos tradicionais valorizados pela escola. As superfícies escritas demonstram que os estudantes utilizam humor, imagens, símbolos e frases fragmentadas como maneiras de elaborar experiências e construir comunicação coletiva dentro do cotidiano escolar.

As paredes da escola podem tornar-se importantes espaços de reflexão sobre as próprias relações pedagógicas produzidas pela instituição. As inscrições revelam aquilo que muitas vezes permanece ausente dos discursos oficiais da educação: afetos, sofrimentos, desejos e formas de resistência construídas silenciosamente pelas juventudes contemporâneas.

10.3 POSSIBILIDADES EDUCATIVAS PARA ALÉM DA REPRESSÃO

Pensar possibilidades educativas para além da repressão significa reconhecer que as pichações escolares não podem ser enfrentadas apenas através da vigilância e da punição disciplinar. As inscrições persistem porque revelam necessidades simbólicas, afetivas e comunicacionais profundamente ligadas às experiências juvenis contemporâneas. As paredes continuam sendo ocupadas porque os estudantes continuam buscando maneiras de produzir linguagem, pertencimento e presença dentro da escola.

A construção de caminhos educativos mais sensíveis exige inicialmente reconhecer os estudantes como sujeitos produtores de cultura e linguagem. Muitas vezes, as práticas escolares ainda operam a partir de modelos excessivamente centrados na obediência, no controle dos comportamentos e na transmissão vertical de conteúdos. As pichações demonstram justamente os limites dessas relações pedagógicas quando as juventudes passam a procurar espaços marginais para expressar suas experiências subjetivas.

Criar possibilidades de expressão legítima dentro da escola pode reduzir a necessidade de ocupação clandestina das superfícies institucionais. Projetos relacionados à cultura visual, oficinas de desenho, espaços de escrita coletiva, intervenções artísticas autorizadas e práticas pedagógicas voltadas à escuta das experiências juvenis podem ampliar as formas de participação simbólica dos estudantes no ambiente escolar.

Entretanto, iniciativas dessa natureza só produzem efeitos significativos quando acompanhadas de mudanças mais amplas nas relações institucionais da escola. Não basta

criar projetos pontuais de arte ou expressão se a dinâmica cotidiana da instituição continua marcada pela invisibilidade das subjetividades juvenis e pela ausência de espaços reais de diálogo. As pichações revelam problemas relacionados não apenas à produção estética, mas também às formas de convivência, reconhecimento e pertencimento construídas no interior da escola.

As experiências educativas comprometidas com a escuta das juventudes precisam reconhecer que crianças e jovens possuem modos próprios de interpretar o mundo, produzir linguagem e construir relações simbólicas com os espaços que habitam. As inscrições espalhadas pelas paredes demonstram que os estudantes desejam participar da construção cultural da escola, deixando marcas de suas experiências sobre o cotidiano institucional.

A valorização das culturas juvenis também pode desempenhar papel importante nesse processo. Muitas manifestações presentes nas pichações dialogam com linguagens urbanas contemporâneas, culturas visuais periféricas e formas de sociabilidade produzidas pelas juventudes fora da escola. Quando a instituição ignora completamente essas referências culturais, amplia a distância entre os estudantes e as práticas pedagógicas formais.

Construir possibilidades educativas para além da repressão implica ainda reconhecer que o conflito faz parte da experiência escolar. As pichações revelam tensões relacionadas ao controle disciplinar, à invisibilidade estudantil e às dificuldades de reconhecimento das diferenças juvenis. Em vez de tentar eliminar completamente essas manifestações através do apagamento institucional, talvez seja mais produtivo compreender criticamente aquilo que elas revelam sobre as relações humanas produzidas dentro da escola.

As paredes escritas mostram que os estudantes continuam buscando maneiras de produzir existência simbólica dentro de uma instituição historicamente organizada pela vigilância e pela administração dos comportamentos. Escutar essas manifestações significa reconhecer que a escola precisa ampliar suas formas de diálogo, acolhimento e participação juvenil.

As pichações não desaparecerão apenas porque as paredes foram repintadas ou porque novas estratégias de controle foram implementadas. Elas persistem porque respondem a necessidades humanas profundas relacionadas à linguagem, à memória, ao pertencimento e ao desejo de deixar marcas sobre os espaços compartilhados. As juventudes continuam escrevendo sobre a escola porque continuam desejando existir simbolicamente dentro dela.

Pensar a educação para além da repressão exige justamente compreender que as superfícies escritas carregam experiências humanas que precisam ser escutadas criticamente. As paredes da escola continuam falando porque as juventudes contemporâneas continuam buscando maneiras de transformar silêncio em linguagem, invisibilidade em presença e cotidiano em experiência simbólica compartilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta obra, as pichações escolares deixaram de ser observadas apenas como marcas de deterioração material para serem compreendidas como manifestações simbólicas produzidas no interior da cultura escolar. As inscrições espalhadas por paredes, carteiras, portas e corredores revelaram que os espaços da escola carregam muito mais do que estruturas arquitetônicas organizadas pela lógica institucional. Neles permanecem registradas experiências juvenis, conflitos cotidianos, desejos de pertencimento, formas de resistência e tentativas silenciosas de produzir linguagem dentro de uma instituição historicamente marcada pelo controle e pela normatização dos corpos.

As análises desenvolvidas permitiram compreender que a escola moderna não opera apenas como espaço de transmissão de conhecimentos, mas também como ambiente disciplinar responsável pela organização dos comportamentos, dos tempos e das formas legítimas de expressão. Nesse contexto, as pichações emergem nas fissuras da ordem institucional, revelando que crianças e jovens continuam produzindo modos próprios de ocupar simbolicamente o espaço escolar. As paredes escritas demonstram que, mesmo em ambientes organizados pela vigilância, os sujeitos encontram maneiras de deixar rastros de suas experiências e subjetividades.

Ao percorrer a história das inscrições nos muros, tornou-se evidente que escrever sobre paredes acompanha a humanidade há séculos. Das cavernas às cidades contemporâneas, os seres humanos transformaram superfícies em espaços de memória, comunicação e disputa simbólica. As pichações escolares dialogam com essa longa trajetória histórica ao converter a escola em território de linguagem e produção cultural juvenil. As marcas deixadas pelos estudantes não surgem isoladamente, mas fazem parte de formas históricas de expressão que atravessam diferentes contextos sociais e culturais.

As discussões sobre arte, vandalismo e legitimidade estética demonstraram que as interpretações dirigidas às pichações dependem profundamente das relações de poder que organizam a vida social. Determinadas formas de expressão visual tornam-se reconhecidas como arte, enquanto outras permanecem associadas à marginalidade e à criminalização. Nesse processo, as produções juvenis presentes nas paredes escolares frequentemente são reduzidas à condição de desordem, impedindo que suas dimensões simbólicas, afetivas e criativas sejam percebidas criticamente.

As pichações analisadas ao longo deste livro revelaram afetos, angústias, ironias, desejos e formas de pertencimento produzidas no cotidiano escolar. As paredes da escola mostraram-se capazes de guardar fragmentos das experiências emocionais de crianças e jovens que, muitas vezes, não encontram espaços legítimos de escuta dentro das relações institucionais. Entre frases poéticas, desenhos, declarações afetivas e marcas de revolta, emergiram vozes que insistem em existir apesar das tentativas de silenciamento produzidas pela lógica disciplinar da escola.

A escola pesquisada apareceu, assim, como espaço de tensões permanentes entre controle institucional e produção de subjetividades juvenis. Enquanto a instituição busca preservar a ordem, a limpeza visual e a normatização dos comportamentos, os estudantes transformam superfícies cotidianas em espaços de linguagem e resistência simbólica. As pichações revelam que o cotidiano escolar é atravessado por experiências humanas que

escapam aos discursos pedagógicos formais e continuam buscando maneiras de se manifestar.

Ao discutir as possibilidades educativas para além da punição, este livro procurou defender a necessidade de uma escola mais sensível às linguagens produzidas por seus estudantes. Isso não significa romantizar as pichações ou ignorar os conflitos relacionados à preservação dos espaços coletivos, mas reconhecer que as marcas espalhadas pelas paredes carregam sentidos sociais e subjetivos que precisam ser compreendidos criticamente. As inscrições revelam sujeitos tentando comunicar experiências, ocupar simbolicamente a escola e produzir formas de existência em um ambiente frequentemente organizado pelo silenciamento das diferenças.

A escuta pedagógica aparece, nesse cenário, como desafio fundamental para a educação contemporânea. Escutar as juventudes implica reconhecer crianças e jovens como sujeitos produtores de cultura, linguagem e sensibilidade. Significa compreender que a escola não é composta apenas por currículos e avaliações, mas também por afetos, tensões, memórias e experiências simbólicas que atravessam diariamente a vida escolar. As pichações tornam visível justamente aquilo que muitas vezes permanece oculto sob a aparência disciplinada da instituição.

As paredes da escola continuam falando porque os sujeitos continuam buscando maneiras de inscrever suas experiências no mundo. Mesmo diante da vigilância, do apagamento e da criminalização, crianças e jovens seguem deixando marcas sobre os espaços que habitam. Essas inscrições revelam desejos de existência, pertencimento e reconhecimento produzidos no interior da experiência escolar.

Talvez o maior desafio colocado por este livro não esteja em decidir se as pichações devem ser interpretadas como arte, vandalismo ou simples indisciplina. A questão mais profunda consiste em perguntar o que essas marcas revelam sobre a própria escola contemporânea. O que significa o fato de tantas vozes precisarem recorrer às paredes para existir simbolicamente? O que as inscrições espalhadas pelos corredores, banheiros e carteiras dizem sobre os limites da escuta institucional? O que permanece sem lugar legítimo de expressão dentro da escola?

As pichações escolares expõem que a escola continua sendo um território de disputa entre controle e linguagem, disciplina e subjetividade, silêncio e expressão. As paredes escritas mostram que as juventudes não ocupam passivamente os espaços institucionais. Elas reinventam, resistem, criam códigos, produzem afetos e deixam marcas de suas existências sobre as superfícies do cotidiano escolar.

Ao final desta trajetória, permanece a compreensão de que as paredes da escola não são silenciosas. Elas guardam memórias, conflitos, sensibilidades e vozes que insistem em atravessar os limites da institucionalidade pedagógica. Escutá-las talvez seja uma das formas mais urgentes de repensar a escola não apenas como espaço de ensino, mas como território humano profundamente marcado pelas experiências, tensões e linguagens produzidas por aqueles que a habitam diariamente.

REFERÊNCIAS

[1] BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

[2] BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

[3] BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

[4] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

[5] CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

[6] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

[7] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários para à prática educativa*. 68. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

[8] GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

[9] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

[10] LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

[11] MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

[12] MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Rev. Bras. Educ.,* Rio de Janeiro , n. 05-06, p. 05-14, dez. 1997 . Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 maio 2026.

[13] PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

[14] PEREIRA, Alexandre Barbosa. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001480396. Acesso em: 10 maio 2026.

[15] SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

[16] SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

[17] VEYNE, Paul. Foucault: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

[18] VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

[19] Zuin, Antonio Alvaro. Soares. *Violência e Tabu Entre Professores e Alunos: A Internet e a Reconfiguração do Elo Pedagógico*. 1 ed. SÃO PAULO: CORTEZ, 2012. v. 2000, p. 262.

@editorapoisson

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

https://www.facebook.com/editorapoisson